

Copyright © 2016 Carlos Cardoso Todos os direitos sobre o texto reservados. Ebook de distribuição gratuita. Venda proibida 1ª Edição – Fevereiro 2016

Contato: cardoso@pobox.com

Olar!

Parece que foi ontem que fiz meu experimento doido de contrariar a regra básica de Samuel Johnson e escrever de graça. Parece que foi ontem que um monte, um *monte* de gente baixou O Buraco da Beatriz, leu e adorou conhecer tantas histórias sobre pessoas e 'fatos incríveis tão apagados dos canais normais de História.

Parece que foi ontem, mas não foi. Tem exatamente um ano, o que é um absurdo, ainda mais por eu ter gostado tanto da experiência. O Feedback dos leitores foi excelente, e a confiança que depositei ao oferecer o livro de graça foi recompensada com leitores depositando seus agradecimentos, se é que você me entende, wink wink.

Pois bem: Você, querido leitor, merece mais, e aqui tem mais. Um novo livro, novas histórias e dessa vez nenhum texto requentado (ok, só um). Só material inédito, pesquisado, fuçado, escavado. Há homens e mulheres que tornaram o mundo um lugar melhor, há exemplos, há coragem, ousadia e aventura. Há irresponsabilidade, há uma brasileira que todo mundo deveria conhecer, há calcinhas espaciais, há cachaça e há espiões. Há manicures e há até um presente de Hitler para a Humanidade. E Jesus. Há também.

Sem mais delongas, vamos aos finalmentes. Divirta-se, emocione-se, ria, compartilhe e antes de tudo, obrigado por sua atenção. Você é essencial. Um escritor sem leitores é apenas uma gaveta.

Carlos Cardoso

Fevereiro de 2016

Passando a Sacolinha

Este livro é gratuito, Grátis igual Cerveja, como se dizia no tempo do Software Livre. Se você está lendo este texto, já era, mesmo que eu quisesse cobrar, não teria como, mas nem quero.

Não quer dizer que eu não goste de dinheiro, tenho um monte de projetos pela frente, preciso de um upgrade no PC para poder produzir vídeos decentes, tenho que voltar a matar lentamente meu cérebro com gin-tônicas e meu plano de clonar a Luciana Vendramini sairá mais caro do que eu imaginava.

Por isso, se você leu, gostou e quer dar uma força pro seu amigo aqui, me incentivando a criar mais e melhores textos, por favor despeje suas moedinhas. Qualquer caraminguá é bem-vindo.

Para doar você pode usar o PayPal, enviando qualquer valor em qualquer moeda para o email <u>cardoso@pobox.com</u>.

Se quiser usar cartão de crédito, boleto, transferência eletrônica, etc, doe via PagSeguro, basta acessar http://carloscardoso.com/livros e clicar no botão.



Sumário

Olar!	2
Passando a Sacolinha	3
A Guerra dos Mundos Da Guerra dos Mundos	6
O Mago da Guerra	11
Calcinhas no Espaço	15
Um brinde ao álcool - origem - e solução de todos os problemas	21
Matthew Maury - Inventor do Crowdsourcing e Rei dos 7 Mares	27
Computadores de Saias	30
O Empurrão do Pardo	34
O último bombardeio a Berlim	36
De Gaulle e a Andorinha	39
O Primeiro Verão da Lata	43
Fly me To The Moon	49
Quando beber é preciso, pensar nem tanto.	53
Quer vencer a guerra? Apele para Jesus	56
A Guerra dos Justos	58
James Bonds e Datilógrafos	64
Do Outro Lado	66
A Calorosa Guerra Fria Espacial	70
Krystyna Skarbek - A verdadeira Agente Carter	74
A Manicure Que Ousou Voar	79
A Bala	83

A Guerra dos Mundos Da Guerra dos Mundos



Todo mundo conhece a história: Em 1938 a CBS veiculou uma dramatização do Guerra dos Mundos, de H.G. Wells, produzida por Orson Welles, e os EUA entraram em pânico.

A apresentação foi uma peça de rádio-teatro, usando do maior gerador de efeitos especiais que existe: A imaginação humana. Montada como uma série de boletins de notícia, a adaptação trazia para tempos modernos (ok, NY 1938) a invasão alienígena originalmente passada na Inglaterra do Século XIX.

Durante 40 minutos um programa genérico foi interrompido por relatos de misteriosos meteoritos, explosões, falta de luz, transmissões ao vivo de correspondentes e combates. Para todos os fins era real. Não havia televisão, o rádio era a fonte *de facto* de informação em tempo real ou quase.

Segundo relatos a sede da rádio foi invadida pela polícia, que queria tirar o programa do ar. Os telefones não paravam de tocar, os funcionários desesperados destruíam todos os discos do programa, queimavam scripts e documentos. A imprensa acumulava histórias de revoltas nas ruas com milhares em desespero, acidentes e mortes no trânsito com gente tentando fugir, as incontáveis tentativas de suicídio.

A imprensa se reunia na emissora, enquanto elenco e produtores saíam pela porta dos fundos. Durante semanas a imprensa repercutiu o caso, em 15 dias foram 12500 artigos, cada um mais alarmista que o outro. Até Hitler comentou o caso em um discurso, dizendo que a reação da população americana era prova da "condição corrupta e do estado decadente da democracia".

Em um parágrafo perfeito pros meus detratores que adoram tirar coisas de contexto, afirmo:

Hitler estava certo.

As pessoas ligaram para as rádios e a polícia? Sim, em quantidade mínima. O pânico causado pelo programa foi quase inexistente, mas imensamente amplificado por quem não havia ouvido a transmissão, e pela imprensa.

Ou seja: Não há nada de novo em fenômenos como a "campanha racista" contra Star Wars, que no final se resumiu a dois idiotas postando uma hashtags e 187 milhões de pessoas replicando a tag revoltadas, para depois apontar como ela havia parado nos Trending Topics do Twitter e por isso era representativa de uma alarmante parcela racista da população.

A transmissão do Guerra dos Mundos é vendida até hoje como algo criado para enganar a população, mas como sempre a verdade está no meio, não nos extremos. Muita gente ficou confusa, mas só uma minoria entendeu como uma invasão alienígena. Era 1938, o pau estava comendo na Europa, era questão de tempo os EUA entrarem na guerra. Quase todo mundo que que ouviu os relatos de invasão e confundiu com algo real, pensou em alemães, não aliens.



O programa por sua vez começou com um aviso de que seria apresentada uma adaptação do Guerra dos Mundos de H.G. Wells no formato de noticiário, algo que não era sequer inédito. Desde a Década de 20 que a radiodramaturgia usava o formato. Os jornais da semana anterior também anunciaram e deram a sinopse do programa. Nada foi feito em segredo.

O último terço do programa é um monólogo com Orson Welles contando o resultado da invasão, explicando a clássica derrota dos alienígenas diante dos micróbios terrestres. Ele termina repetindo que o que foi ouvido foi uma encenação de uma história fictícia.

As pessoas que entraram em pânico não ouviram o começo, não esperaram o fim e correram para o telefone apenas para se certificar que o mundo não estava acabando. Na falta de Facebook os textões foram por carta para o FCC - Federal Communications Commission, mas um estudo detalhado demonstrou que a quantidade de reclamações foi bem menor que outros programas da época. Motivo?

Ninguém ouviu o programa.

Uma pesquisa de audiência ligando para cinco mil residências retornou só 2% delas ouvindo o programa. Várias afiliadas da CBS preferiram transmitir programação local. Testemunhas, inclusive jornalistas contam que saíram da emissora e se espantaram com as ruas vazias. Todo o caos havia acontecido na imensa câmara de eco de repórteres ouvindo relatos de terceira-mão, exagerando e repassando para outros jornalistas. No final desse imenso telefone-sem-fio alguns mal-entendidos locais foram reportados como comoção nacional. Na verdade internacional, até na Austrália a história chegou.

Hoje o Guerra dos Mundos de Orson Welles é o Cidadão Kane da histeria coletiva, ofuscando outro acontecimento, 11 anos depois. Mais precisamente 11 de Fevereiro de 1949. Aqui pertinho, no Equador.

Tudo começou quando um sujeito chamado Eduardo Alcaraz se aproximou do diretor artístico da única e maior emissora de Quito, Leonardo Páez. Alcaraz havia colocado as mãos em um script de 1944 de uma versão de Guerra dos Mundos que foi ao ar no Chile. E deu problema, mesmo com uma semana de aviso e interrupções durante a transmissão.

Nossos amigos equatorianos não foram tão cuidadosos. Começaram a transmissão sem aviso, interrompendo uma dupla de cantores bem populares. Pra piorar a descrição do ataque usava nomes e lugares familiares, falava de uma nuvem maligna, monstros e era pontilhada por imitadores de políticos e personalidades locais.

Em uma versão com graves restrições orçamentárias ao contrário dos alemães de 1938 os equatorianos acharam que os invasores eram peruanos. As igrejas tocavam os sinos sem parar, pessoas se refugiaram em busca de santuário.

Quito em 1949 era pouco maior que um condomínio, com apenas 250 mil habitantes. 100% deles ficaram muito, muito nervosos quando a rádio finalmente explicou que *era brinks*. A turba enfurecida foi até o prédio do jornal *El Comércio*, onde ficava a rádio, e cercaram o local.

Coquetéis Molotovs foram lançados, o prédio incendiado. A multidão bateu nos policiais que tentavam deter os manifestantes, que por sua vez destruíram hidrantes para os

bombeiros não apagarem o fogo. Mais de 100 pessoas estavam no prédio. A maioria conseguiu fugir, mas no final entre 6 e 20 haviam morrido.

A multidão só foi dispersada com a chegada de tropas do exército, com tanques da guarnição de Cotocallao, a noroeste da cidade. Haviam sido despachados para Quito para ajudar na luta contra os marcianos.

Entre mortos e feridos os prejuízos do prédio do jornal foram de US\$350 mil (em 1949!), o Ministro da Defesa do Equador entrou na história e foram feitas 21 prisões, entre manifestantes e radialistas.

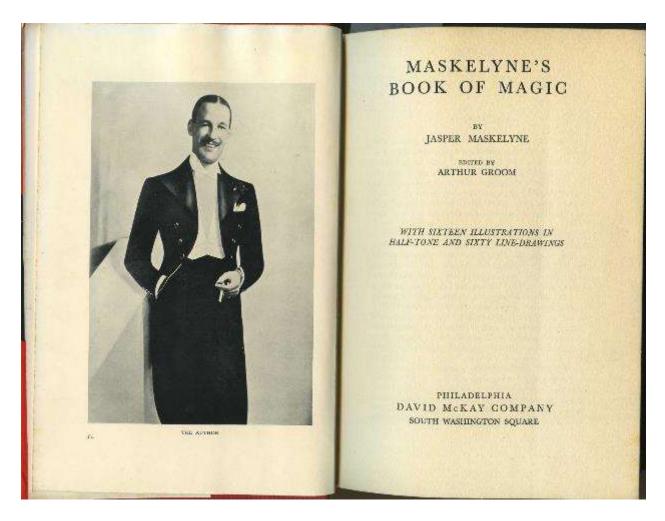


Leonardo Páez foi escolhido como o bode expiatório, foi alvo de várias acusações de que teria trancado as portas da emissora, plantado histórias de UFOs e que seu objetivo era causar caos. Só escapou por ser macaco velho e no dia do julgamento exibir uma cópia do contrato com a rádio, onde ficava claro que tinham conhecimento do conteúdo da transmissão.

Não é algo que seja motivo de orgulho, mas é pitoresco que o único pânico real e as únicas mortes por causa de marcianos na história da Humanidade aconteceram na América do Sul, mas se serve de consolo, mesmo em 1968 uma estação de Buffalo, NY causou alteração ao transmitir uma versão da rádio-peça.

Pensando bem aquele argumento de que o Pentágono não revela que temos contato com alienígenas por medo de pânico entre a população faz sentido. Se nem com marcianos de mentira conseguimos lidar...

O Mago da Guerra



O esquadrão de bombardeiros Ju88 se aproximava do alvo. Ao menos era o que os pilotos esperavam. Na Segunda Guerra Mundial não havia GPS, a rádionavegação estava em sua infância e as únicas tecnologias disponíveis para orientação eram bússolas, estrelas e o Apple Maps.

Confiando em seus sextantes e bússolas os alemães guiaram as aeronaves até onde, se tudo desse certo estaria o Porto de Alexandria. Comparando o que viam pela cabine com fotos tiradas por aviões de reconhecimento, era ali mesmo.

O primeiro avião lançou sua carga de bombas, seguido pelos outros. As reconfortantes explosões compensavam o fogo antiaéreo. Aquela noite Alexandria não iria esquecer. Nem as próximas oito, com repetidos ataques.

Durante o dia aviões-espiões da Luftwaffe tiravam fotos e confirmavam: O porto estava grandemente danificado. Uma pequena grande vitória!

Vitória, mas para os aliados. Nenhuma bomba caiu em Alexandria. Os alemães foram vítimas daquilo que Ra's Al Ghul define como dissimulação e teatralidade. Uma poderosa

arma contra os iniciados. Só que não foi um membro da Liga das Sombras. Eu acho, a história de Jasper Maskelyne é cercada de mistérios.

Maskelyne nasceu em 1902. Seguindo carreira no mundo da magia, se tornou bem conhecido, escrevendo livros e ensinando o ofício a outros mágicos. Quando a Guerra estourou ele se voluntariou para o Corpo Real de Engenheiros, com a idéia de que seus conhecimentos de ilusionismo seriam úteis para o esforço de guerra.

Esses conhecimentos culminaram no ataque a Alexandria, quando graças às mensagens decodificadas pela equipe de Alan Turing os ingleses souberam com antecedência dos planos nazistas de retomar a cidade. Como não havia recursos para organizar uma defesa aérea eficaz, coube ao grupo de Maskelyne, um bando de artistas de rua, ilusionistas, cenógrafos e outros malucos de teatro salvar o dia.

Ele achou uma região vazia (até fácil, estão no Saara) próxima de Alexandria. Com ajuda de mapas e fotos, construiu uma série de postes recriando as luzes da cidade, em escala um pouco reduzida. Uma torre fez o papel do farol do porto. Cargas explosivas serviriam para simular bombas e dar aos alemães a satisfação de acertar no alvo. Efeitos pirotécnicos simulariam as baterias antiaéreas.

Quando os alemães vieram no dia seguinte verificar os estragos, encontraram a região do porto coberta de crateras e destroços. Tudo *Papier-mâché*. As crateras? Lonas pintadas, que vistas do alto eram indistinguíveis das reais.

A carreira de Maskelyne começou mais modesta, mas com bastante importância. O grupo dele foi responsável por criar equipamentos dignos de James Bond para auxiliar soldados feitos prisioneiros de guerra. Ele disfarçava mapas em cartas de baralho, serras de fio em pentes e um taco de críquete com uma serra embutida no cabo. Eles criaram jogos de tabuleiro com dinheiro de verdade para que os prisioneiros pudessem bancar suas fugas

Algumas vezes era tudo tão disfarçado que mesmo os prisioneiros só descobriam os truques por acaso, como quando um disco de gramofone quebrou e tinha um mapa dentro.



A equipe de Maskelyne foi usada durante um grande ataque quando precisavam convencer os alemães que as tropas inglesas viriam de uma direção específica. Ele criou um exército de mais de 2000 veículos de combate falsos, disfarçando caminhões como tanques, com direito a efeitos especiais para simular o disparo dos canhões. As marcas das esteiras? Estavam lá também.

Quanto aos tanques do ataque principal? Sem problema, foram disfarçados de... caminhões.

Seu maior desafio parecia impossível: Evitar que o Canal de Suez fosse destruído pelos alemães. Não dava para usar a mesma estratégia de Alexandria, então maskelyne tentou outra coisa. Construiu uma série de refletores com espelhos que iluminavam o céu e confundiam quaisquer aviões voando por ali durante a noite. Isso gerou uma zona de exclusão de mais de 200Km em torno do canal, garantindo o tráfego naval e auxiliando na vitória final contra o Eixo.

Maskelyne trabalhou em vários outros projetos, mas no final sua unidade foi eliminada, os membros transferidos para outros esquadrões e embora seus esforços tenham sido reconhecidos por Winston Churchill, não há quase nada sobre eles nos documentos oficiais.

Quando a Guerra acabou e ele percebeu que sua contribuição havia sido apagada da História, Maskelyne desistiu da Inglaterra. Se mudou de mala e cuia para o Quênia, onde passou o resto de seus dias dando aulas de direção e ensinando truques de mágica. Ele morreu amargurado e alcoólatra, em 1973 aos 71 anos.

Alguns oficiais que comandaram Maskelyne reconhecem sua importância, mas muito do que se sabe é contado em sua autobiografia. A geração cínica atual corre para apontar as "provas" de que ele inventou todo seu passado, mas esquecem que ausência de evidência não é evidência de ausência.

Não comentam muito que Maskelyne enganou o alto-comando do Almirantado criando uma ilusão com balões e espelhos que o encouraçado Graf Spee, de quase 200 metros de comprimento e 15 mil toneladas estava avançando no rio Tâmisa.

Minha teoria é que não só Jasper Maskelyne é injustiçado e deveria ser reconhecido como sua contribuição foi muito maior do que imaginamos. Há muito que não se sabe sobre a Grande Guerra. Muita coisa ainda é secreta.

O incrível ataque às represas do Vale do Ruhr, que imortalizaram os Dambusters teve detalhes mantidos em segredo até 2010. No filme de 1955 usaram cenas reais das bombas saltitantes, mas elas foram borradas e censuradas para que ninguém deduzisse seu formato, e outras informações sobre a técnica de ataque de precisão foram deliberadamente omitidas ou informadas errado.

Eu gosto de acreditar que em mais uns 30 ou 40 anos será revelado, com grande fanfarra que Jasper Maskelyne foi um dos grandes cérebros por trás do Dia D, da campanha no Norte da África e da Batalha do Atlântico, e que somente a inveja dos generais manteve esse conhecimento tanto tempo longe do público.

Calcinhas no Espaço



Quando Carrie Fisher reclamou, nos sets de Guerra nas Estrelas que seu figurino não tinha roupa de baixo, e ela estava sendo obrigada a amarrar uma faixa no peito para não distrair os Stormtroopers, George Lucas calmamente explicou que era assim mesmo. No espaço ninguém usava lingerie. Ele não poderia estar mais errado.

Não que a idéia de roupa de baixo espacial fizesse muito sentido, Barbarella com certeza não usava, mas como sempre a realidade é mais estranha que a ficção, como descobriu a NASA no começo do projeto Apollo.

Trajes pressurizados não eram novidade. Os pilotos da Gemini e da Mercury usavam, pilotos de caça de alta performance usavam, pilotos de teste também. Um deles foi um aventureiro chamado Wiley Post, que quebrou recordes de altitude nos anos 30, atingindo 50 mil pés. Para isso ele precisava de um traje pressurizado fornecendo Oxigênio e calor. Ele criou um baseado em um traje de mergulho, com direito ao clássico capacete de metal. O traje era inflado e ficava bastante rígido.



Pilotos de jatos precisavam de mais mobilidade, então seus trajes ofereciam menos proteção, a cabine do avião ou da espaçonave, no caso das Mercury seria a primeira linha de defesa. Só que os requisitos para um pouso na Lua eram bem mais complicados. O astronauta não ficaria ligado por mangueiras a um sistema de suporte de vida externo. O traje espacial tinha que ser uma mini-nave completa com tudo necessário para manter um homem vivo por algumas horas.

A NASA especificou suas exigências e abriu concorrência, esperando o tradicional lote de empresas do complexo industrial-militar oferecer suas propostas. 8 projetos

apareceram. O melhor de todos, disparado, fugia completamente da solução apresentada pelas empresas acostumadas a construir naves espaciais.

A abordagem era criar mini-naves, rígidas como trajes de mergulho de águas profundas, algo como isto, proposta da Grumman Aerospace:



A idéia que se destacou usava juntas de borracha nas articulações, armações de metal para evitar que as peças se inflassem, e oferecia uma mobilidade e agilidade além de tudo que a NASA sonhou ou pediu. Foi um projeto criado por gente que entendia da forma humana, de como projetar tecnologia confortável. Esse conhecimento todo veio da ILC, International Latex Corporation, empresa basicamente conhecida por sua marca Playtex.

A proposta que a NASA não tinha como não aceitar, anos-luz adiante da concorrência veio de uma empresa que fabricava calcinhas, sutiãs e cintas-ligas.

A ILC tinha zero experiência espacial, mas isso não era problema, uma empresa de Látex e Lingeries criada por um ex-técnico de televisão que se virou engenheiro por contaprópria não teria problema em se adaptar. Se adaptaram, a ponto do látex usado para as botas lunares vir do mesmo forno onde era curado o látex para cintas femininas. As peças de borracha eram presas com alças usadas em cintas-ligas e o tecido rígido do bojo dos sutiãs reforçava as juntas de borracha do traje.

A NASA, com medo de lidar com uma empresa que não era do ramo, subcontratou a Hamilton Sundstrand para aconselhar a ILC e cuidar da parte mais *engenharia* do processo. No começo deu certo, mas logo a Hamilton começou a microgerenciar, e a ILC se afogou em relatórios, testes e especificações.

O desenvolvimento do traje envolveu a busca de materiais exóticos em tempo recorde, mas a ILC tinha contato com fornecedores no país inteiro. Quando foram criar as luvas descobriram que teriam que fazer algo sensível o bastante para você pegar uma moeda no chão, mas que fosse à prova de balas, em caso de micrometeoritos.

Até a confecção dos trajes era complexa. A ILC tinha uma equipe de exímias costureiras, as melhores foram deslocadas para o projeto do traje. A auditoria exigia que cada ponto fosse contado, as peças não poderiam ter mais ou menos pontos do que o especificado. Até os alfinetes eram auditados ao final de cada dia, para que uma costureira não esquecesse um e furasse um traje em órbita. Cada uma tinha alfinetes de uma cor específica.

É divertido saber que as mesmas máquinas e costureiras que faziam calcinhas e cintasligas costuravam os trajes espaciais. Menos divertido foi quando a NASA descobriu que o sistema de refrigeração não era suficiente. A ILC e a Hamilton tiveram duas semanas para resolver o problema, e conseguiram. Acharam um equipamento inglês que era basicamente uma roupa de redinha com tubos de borracha que circulavam água fria de uma unidade bombeadora.



No primeiro teste com o traje espacial completamente isolado para reter o máximo de calor, o pobre coitado dentro dele implorou para ligarem logo a esteira onde ele correria, ele estava congelando com a água percorrendo o corpo.

O progresso não foi todo tão tranquilo. Os trajes começaram a ser enviados para a NASA em 1964 e eram imediatamente rejeitados. Não eram ágeis o suficiente, a unidade de suporte de vida construída pela Hamilton era grande demais e os astronautas não conseguiam executar tarefas simples como se erguer se caíssem de costas. A ILC não percebeu mas havia entrado em um pesadelo burocrático onde não fazia mais o traje espacial que achava ser o melhor, fazia o que a Hamilton dizia ser o correto. Não era.

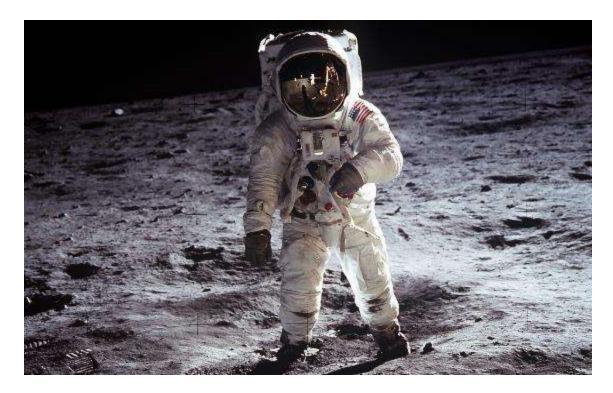
A NASA cancelou o contrato com as duas empresas e abriu nova licitação.

Faltando menos de dois anos para o primeiro vôo, não tinham um traje espacial, que agora só teria um ano para ser desenvolvido. A indústria aeroespacial fincou pé nos trajes espaciais rígidos. A Hamilton e a ILC entraram de novo na concorrência, desta vez como competidoras. Só que a ILC não tinha mais a antiga parceira para dizer como as coisas deveriam ser feitas da forma esperada.

Os engenheiros e projetistas da ILC seguiram seus instintos, e o resultado foi um traje espacial de 21 camadas de materiais exóticos que um sujeito durante os testes correu, pulou, deu cambalhotas e jogou futebol americano. De novo eles ganharam a concorrência, desta vez com contato direto com a NASA. A Hamilton ficou a cargo da unidade de suporte de vida, mas trabalhava em pé de igualdade, não dava mais pitaco no traje.

As costureiras da ILC se dedicaram como nunca para produzir os trajes, três para cada astronauta da equipe principal e dois para os da equipe reserva.

De todas as milhões de pessoas em todo o mundo, um grupo especial de mulheres viu seu trabalho funcionar de forma admiravelmente perfeita na superfície da Lua. Em momento algum os trajes falharam, foram desconfortáveis, atrapalharam ou distraíram os astronautas. Mesmo quando eles tropeçaram, caíram, se jogaram ou fizeram coisas não-planejadas como jogar golfe na Lua.



A ILC, hoje ILC Dover se tornou responsável por todos os trajes espaciais da NASA. Até hoje e os futuros. Os airbags da Paththinder, e depois da Spirit e da Opportunity também foram feitos por eles. Uma empresa que fazia calcinhas e sutiãs criou com látex de cinta anatômica a bota do Grande Passo para a Humanidade.

Portanto, George Lucas, há lingerie no espaço sim, você que não tem imaginação.

Um brinde ao álcool - origem - e solução de todos os problemas



O mundo, para desespero do Facebook e seus defensores de moralidades absolutas, é composto de tons de cinza. Bem mais de cinquenta. Mesmo a ficção não se equipara à realidade. Em Independence Day todo mundo achou o máximo pilotos israelenses e iraquianos trabalhando juntos para derrotar os alienígenas. No mundo real de um lado temos Israel colaborando com o Egito na busca por túneis na fronteira usados pelo Hamas para contrabandear terroristas e armas, e do outro lado temos também Israel, colaborando com o Hamas para evitar que o ISIS crie uma cabeça-de-ponte nos territórios palestinos.

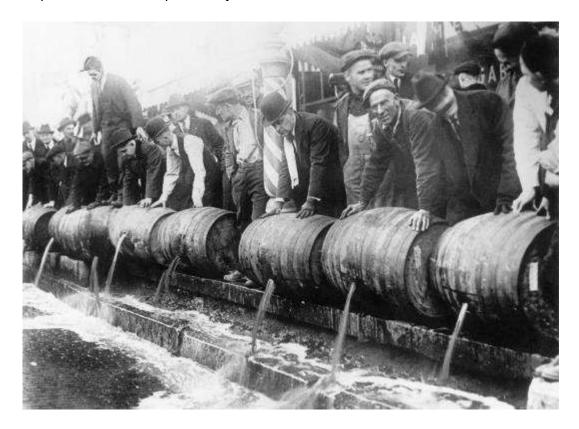
Algumas vezes as piores decisões e acontecimentos, nesse mundo fractal e caótico que vivemos dão início a coisas boas e universalmente reconhecidas como progresso. A decisão no caso envolveu algo que Winston Churchill chamou de "Uma afronta a toda a História da Humanidade". Não, não estou falando de Hitler e o Fusca. Falo da Lei Seca.

No princípio do Século XX os Estados Unidos viviam o princípio de uma onda de conservadorismo, as organizações puritanas começaram a sair do interior e cavar espaço nas grandes cidades. O clima da virada do Século já estava indo embora, a ressaca geral virou moral e as pessoas começaram a procurar culpados para crime, devassidão, alcoolismo, vícios e tudo mais que torna a vida divertida.

Diante de um inimigo fácil, várias organizações como a Liga Anti-Saloon, a União de Mulheres Cristãs pela Moderação e várias associações de igrejas protestantes fizeram um lobby pesado, conseguindo aprovar o Ato Volstead, regulamentando uma emenda constitucional determinando a ilegalidade de venda e produção de bebidas alcoólicas nos EUA, a partir de 16 de Janeiro de 1920.

A proposta foi apoiada pela grande maioria conservadora e por vários grupos progressistas. Uniões de trabalhadores negros apoiaram, achando que isso ajudaria a diminuir o problema de crime e alcoolismo entre seus membros. Outros grupos, como organizações católicas e médicos foram contra.

Como toda legislação "bala-mágica" a Lei Seca virou um show de hipocrisia. Era proibido produzir e vender álcool, mas a maioria dos Estados permitia que você tivesse em casa. Como a data da proibição foi amplamente divulgada, ricos correram para comprar os estoques de vinho e uísque das lojas.



Bebida era servida em eventos oficiais, e Presidentes como Woodrow Wilson e Warren Harding guardavam suas adegas particulares na Casa Branca. A Lei Seca criou todo um legado de crime organizado. Bebida ilegal era produzida e vendida, a fronteira com o Canadá era usada para transportar contrabando e mais que qualquer outra coisa, álcool foi a base da ascensão de Al Capone e boa parte da Máfia.

Mesmo hoje vemos reflexos daquela época; os traficantes de bebida aprenderam a modificar seus carros com compartimentos secretos e para enganar a polícia, mantinham a aparência externa intacta mas reforçavam suspensão e envenenavam motores. Em seu tempo livre competiam entre si para ver quem tinha o carro mais rápido. Essas corridas acabaram se profissionalizando no que hoje é conhecido como NASCAR.

Quanto aos conservadores, não eram muito diferentes dos progressistas. Os EUA viviam ainda a cultura dos *saloons*, aqueles bares que a gente vê em filme de caubói, essencialmente um pardieiro onde você entra, bebe um uísque vagabundo e vai

embora. Era um ambiente essencialmente masculino, uma mulher em um *saloon* era, com 110% de chance de certeza, puta.

Se estivesse bebendo, 115%.

Mulheres decentes não bebiam na rua, no máximo uma tacinha de alguma coisa, em uma festa. Era impensável uma mulher sair para beber, quando acontecia era em casa ou visitando amigas, e o álcool nunca era o objetivo declarado. Solteira, em bar? Jamais. Nem nos loucos Anos 10.

Quando a Lei Seca entrou em vigor os *saloons* foram virtualmente exterminados. Não havia mais onde comprar bebida e a própria produção caseira era tão desestimulada que o Governo chegou a envenenar álcool industrial para que não fosse usado em misturas. Mais de 10 mil pessoas morreram por causa disso. Médicos faturavam receitando bebidas medicinais (lembra do Rum Creosotado?) e quem podia, fazia seu gin-de-banheira. Nas grandes cidades não era tão simples, mas como sempre onde há demanda surge oferta.

Apesar dos Eliott Ness da vida, na prática o Governo Federal tinha muito pouca gente para efetivamente fiscalizar a aplicação da Lei Seca, ainda mais em lugares onde tradicionalmente se bebia e muito.

Havia em feiras atrações onde você pagava para ver algum animal exótico, como um tigre ou um porco (sério) e ganhava um drink de cortesia. Não era vendida a bebida então tecnicamente, era legal.

Logo se popularizaram bares ilegais chamados de Speakeasy, algo como "fala baixo", em referência a você não sair alardeando a localização do tal bar, que em alguns casos ficavam nos fundos de mercearias e outras lojas legítimas.

A mistura de sede com vontade de beber tornou esse tipo de bar muito popular. Estimase que New York chegou a ter 100 mil deles durante a Lei Seca, e aqui entra outro ponto de mudança: Muitos proprietários eram mulheres. Em geral coristas que juntaram bastante dinheiro e ficaram desempregadas com o fim das casas de show. Algumas chegaram a ter centenas de bares ilegais espalhados pela cidade. Seus nomes são lembrados até hoje, entre as maiores temos Belle Livingston, Helen Morgan e Texas Guinan. Sim, querido fã de Star Trek, a dona do bar da Enterprise, interpretada por Whoopie Goldberg foi batizada em homenagem a Texas Guinan.



Com a concorrência se acirrando os donos dos Speakeasies se tocaram que metade da população era um recurso não-explorado. Começaram a tornar o ambiente mais agradável para mulheres, que por sua vez adoraram a idéia.

Como todo mundo ali estava no erro, não era interessante chamar atenção da polícia, e também era mais complicado fazer julgamentos morais quando você é o primeiro a pisar na bola. As mulheres no bar tomando cerveja começaram a ser vistas como mulheres no bar tomando cerveja, e não necessariamente putas. As proprietárias mulheres também ajudavam a tornar o ambiente mais amistoso para o sexo frágil de fígado forte.

A Grande Depressão também fez sua parte, contribuindo para a migração de muitos negros desempregados do Sul dos EUA para as cidades ainda razoavelmente prósperas do Norte. Na falta de emprego formal muitos desses negros profissionalizaram seu hobby e se tornaram músicos. A popularização do Blues e do Jazz se deu graças a isso.

Para muitos dos clientes brancos era a primeira vez que tinham contato com uma música negra antes restrita a guetos e ao Sul, e eles gostaram do que ouviam. Nomes como Louis Armstrong, Bessie Smith, King Oliver e a Original Creole Jazz Band começaram a ser pedidos nas lojas de discos e a vender ingressos não só em speakeasies mas em casas de show bem mais legítimas.

O mais surpreendente é que esse ambiente de proibição e ilegalidade fez com que os que estavam atrás de um bom copo de bebida priorizassem o álcool, não seus preconceitos. Se havia um Speakasy disponível o sujeito não queria saber se era de negros, brancos italianos ou irlandeses. Ele entrava, bebia e se divertia. Isso é bem sumarizado no livro *Last Call: The Rise and Fall of Prohibition*, de Daniel Okren:

"Outra barreira caiu com a chegada dos cabarés e nightclubs integrados com 'negros e bronzeados', em geral em bairros negros e geralmente apresentando músicos de jazz afro-americanos. Alguns lugares como o Cotton Club, no Harlem (parcialmente propriedade do contrabandista Owney Madden) praticava uma forma especialmente bizarra de segregação: vizinhança negra, entretenimento todo negro, clientela só branca, mas negros e brancos se misturavam confortavelmente em lugares como o Catagonia Club e o Club Ebony, e as matinês de 'Cafés da manhã dançantes' no Small's Paradise eram completamente biraciais. Detroit viu os primeiros sinais de integração racial no Harlem Cave e no Cozy Corner, dois bares no bairro 100% negro conhecido como Paradise Valley.

Na revista afro-americana The Messenger, o co-editor Chander Owen chamou os bares "negros e bronzeados" da mais democrática instituição da América, onde 'vemos brancos e pessoas de cor misturando-se livremente. Eles dançam juntos não só no sentido das duas raças estarem na pista ao mesmo tempo, mas no sentido mais significativo ainda de brancos e pessoas de cor dançando como parceiros. 'Um colunista do Amsterdam Daily afirmou que 'os nightclubs fizeram mais para melhorar as relações raciais em dez anos do que as igrejas, brancas e negras, fizeram em dez décadas.'"

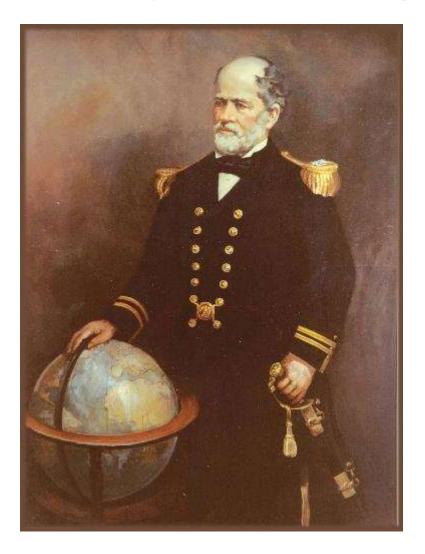
Mesmo com todo o retrocesso dos anos vindouros, a idéia da integração social e racial através do bar continuou viva, e teve seu momento máximo nos Anos 60 quando Hugh Hefner começou a abrir os Clubes Playboy pelo país. Não havia nenhuma discriminação contra associados negros. Comediantes, cantores e artistas negros eram constantemente convidados, tanto para shows nos clubes quanto no programa de TV e casos onde clientes brancos se recusavam a ser servidos por coelhinhas-garçonetes negras acabavam com o cliente sendo convidado a se retirar.



Quando as filiais de New Orleans e Miami se recusaram a aceitar a entrada de sócios negros, Hugh Hefner moveu mundos e fundos, comprou de volta as franquias e reabriu os clubes garantindo a regra de não-discriminação.

Só me resta citar Homer Simpson e fazer um brinde ao álcool: Origem -e solução- de todos os problemas.

Matthew Maury - Inventor do Crowdsourcing e Rei dos 7 Mares



Quando o tsunami de 2011 atingiu o Japão o mundo inteiro monitorou seu avanço através de boias instaladas nas costas de dezenas de países. Esses dados são livremente distribuídos e compartilhados, em prol do bem comum. Mesmo assim muitas incógnitas permaneceram, a falta de boias em alto-mar faz com que os cientistas dependam de modelos matemáticos para prever a velocidade das ondas.

Uma alternativa está sendo desenvolvida pela Universidade do Havaí, eles instalarão sistemas GPS de alta precisão em navios mercantes, que transmitirão constantemente sua posição e dados como tamanho das ondas, pressão, temperatura. Isso ajudará a formar um modelo em tempo real do oceano, indicando movimentações sísmicas, ondas inesperadas, tudo.

Esse tipo de ação colaborativa é chamada de crowdsourcing, é a base de serviços como o Waze, Yelp e boa parte da Internet, onde o conhecimento coletivo de inúmeros usuários é agregado, condensado e transformado em informação relevante.

A graça é que isso não é novidade, não depende da Internet, crowdsourcing antecede isso tudo e surgiu graças a uma carruagem que atropelou Matthew Fontaine Maury.

Ele sempre foi apaixonado pelo mar, mas depois que seu irmão mais velho morreu de febre amarela enquanto servia à Marinha dos EUA, seu pai proibiu o caçula de seguir carreira. Maury mesmo assim o contrariou e com ajuda de um amigo da família se alistou aos 19 anos, em 1825.

Além de excelente marinheiro, ele era um grande nerd, adorava aprender sobre navegação, oceanografia e tudo que tivesse a ver com clima, correntes marítimas e rotas. Ele aprendeu muito na prática, até que sua carreira foi interrompida por um acidente aos 33 anos que o deixou impossibilitado de navegar como marinheiro (passageiro tudo bem).

Ele foi transferido para uma posição em terra, tomando conta de uma biblioteca naval em Washington onde a Marinha acumulava cartas náuticas e diários de bordo de milhares de navios. Maury percebeu que havia ali um tesouro. A experiência acumulada de incontáveis marinheiros, cada um com uma dica importante sobre uma rota. Se vários anotavam um vento especialmente forte em uma região durante certa época do ano, isso poderia ser usado por outros.

Compilando a informação dos diários Maury lançou a Carta de Ventos e Correntes do Atlântico Norte, que se tornou sucesso mundial entre todo mundo que percorria aquelas águas, e agora podia aproveitar as correntes, ganhar dias e dias, chegar mais cedo e gastar menos carvão.

Isso foi só o começo. Ele queria mais. Convenceu a Marinha a fundar o Observatório Naval. Decidido a criar um modelo internacional de informações meteorológicas, ele conseguiu que os EUA patrocinassem a Primeira Conferência Meteorológica Internacional, onde o prestígio de Maury ajudou a colocar na mesma mesa países não muito amigos. A proposta dele era que formulários padronizados fossem preenchidos por navios de todas as nações, enviando informações de salinidade, temperatura, velocidade do vento e posição, entre outras. Essas informações virariam mapas e tábuas de correntes e marés.

Esse anuário compilado seria distribuído gratuitamente para todos os capitães de navios, independente da nacionalidade. Em alguns anos ¾ dos navios do mundo estavam participando do projeto. Até o Papa criou uma comenda especial para os navios dos Estados Papais que enviassem as informações. Sim, sem-querer Maury inventou também a gamificação.

O grande momento de Maury foi quando, no Natal de 1853 o SS São Francisco foi pego por uma tempestade no Atlântico. Das 700 pessoas a bordo 150 foram atiradas ao mar pelas ondas. O navio perdeu a chaminé, a propulsão e não havia tempo de esperar Marconi inventar o rádio. A forma de pedir socorro era através de bandeiras e lanternas, caso algum navio de passagem os visse.

O desastre foi parar nos jornais, e ninguém sabia do navio. As buscas eram infrutíferas e o tempo passava. A bordo as pessoas começaram a passar fome e uma epidemia de

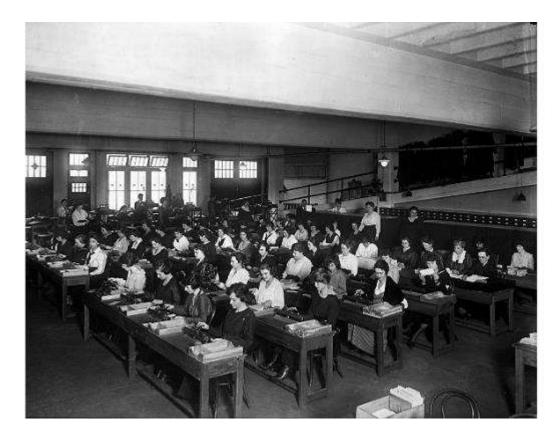
Cólera começou a cobrar mais vidas. Maury juntou seus mapas e cartas náuticas, compilou informações de correntes e ventos, calculou o deslocamento baseado na última posição do São Francisco.

Maury apontava para uma região centenas de quilômetros fora das áreas de busca, mas tanto insistiu que a Marinha enviou navios de busca. No dia 5 de Janeiro de 1854 o SS São Francisco e seus 500 sobreviventes foram encontrados, exatamente aonde Maury disse que estariam.

Matthew Maury, o que é bem incomum, recebeu em vida todas as honrarias que merecia. Nunca se frustrou por não ter seguido carreira como oficial embarcado, e perseguiu seus interesses em áreas tão distintas quanto astronomia e geografia. Ele morreu aos 67 anos, em 1º de Fevereiro de 1873, e talvez seu único desgosto tenha sido não conseguir realizar seu sonho de abolir a escravidão nos EUA.

Não exatamente o pensamento que se espera de um oficial Confederado, mas Maury era antes de tudo um geek, e geeks tendem a pensar além de seu tempo.

Computadores de Saias



Quando a equipe de Alan Turing em Bletchley Park terminou o Colossus ele era o computador mais sofisticado de seu tempo, mas embora fosse bom o suficiente para decodificar as transmissões nazistas, em termos de performance não era muita coisa do ponto de vista atual. Digamos assim, o framerate dele rodando Crisys devia ser péssimo.

Como todo computador da época Colossus era dedicado, não era máquina de uso geral. Mesmo com o advento de equipamentos mais versáteis, não era possível escrever programas realmente complexos, levava-se mais tempo programando do que fazendo na mão, mas isso não quer dizer que não havia uma alternativa para executar cálculos complexos com precisão e segurança. O truque era algo que chamamos em computação de chinês.

Alan Turing tinha uma descrição mais elegante: Imagine uma sala com um escaninho onde você entra com um problema. Lá dentro um monte de chineses com ábacos começa a fazer contas, cada um lidando com parte de um problema complexo. Ao final a resposta sai em um outro escaninho.

Esse conceito não foi inventado por Turing, já era conhecido e chamado de... Unidades Computadoras.

Essas unidades de computação fizeram todos os cálculos do Projeto Manhattan, e a curiosidade é que usavam saias.

Não que fosse grande desejo da sociedade da época colocar mulheres na rua trabalhando, mas a necessidade levou a isso. A maioria dos homens estava na guerra, a força de trabalho feminina tomou os espaços vazios e ainda havia o bônus de que elas eram melhores que homens nas tarefas exigidas de uma boa computadora.

Esse modelo foi usado por basicamente todo mundo, inclusive a nascente indústria aeroespacial. As mulheres não só faziam milhares de cálculos como cuidavam da coleta de dados. Não havia ainda sensores digitais, um experimento em túnel de vento, com dezenas de mostradores tinha os valores anotados em planilhas, em tempo real e depois plotados em gráficos. Tudo manualmente, por mulheres.

Não foi um começo imediato. A NACA (National Advisory Committee on Aeronautics), antecessora da NASA foi fundada em 1915. Em 1917 construíram o Langley Memorial Research Center (LaRC), um dos mais antigos centros de pesquisa aeronáutica do país, mas só em 1922 uma engenheira chamada Pearl Young seria a primeira mulher a trabalhar lá, mas mudanças maiores ainda iriam ocorrer.

Em 1941 ficou evidente que o país não poderia prescindir de parte de sua população educada e habilitada para trabalho. O Presidente Roosevelt então assinou um ato proibindo qualquer tipo de discriminação de raça, credo ou nacionalidade nas contratações do serviço público, e os órgãos foram sutilmente estimulados a contratar profissionais negros.

O Centro de Pesquisa de Langley foi um desses órgãos, e descobriram que havia uma excelente oferta de mulheres, negras com formação em matemática, que até então se restringiam a trabalhar como professoras.

O trabalho delas era de primeira classe, mas elas mesmas eram tratadas como segunda. A segregação era ativa, ficavam em um prédio isolado e quase nunca apareciam em fotos. Quando o Centro sofreu uma expansão montaram um projeto de construção de alojamentos para as "computadoras" em uma universidade para jovens negras da região. Não, as computadoras negras não tinham direito ao alojamento, era pra as brancas.



Uma dessas jovens negras se chamava Katherine Johnson. Em 1953 ela soube que a NASA estava contratando jovens com formação em matemática. Aceita, ela só trabalhou duas semanas como computadora. Os engenheiros da Divisão de Trajetória e Controle a requisitaram emprestada para um trabalho e Katherine impressionou tanto que esqueceram de devolver.

Ela acreditava fielmente que não era melhor nem pior do que ninguém; não aceitava o papel que a sociedade esperava dela. Fazia questão de participar de todas as reuniões. Katherine alegava que ela havia feito o trabalho então era função dela participar da reunião. Que nunca uma mulher, muito menos uma mulher negra havia feito aquilo, era irrelevante para ela e para seus colegas homens.

Em 1961 a NASA estava com problemas para computar a trajetória para o vôo de Allan Sheppard, primeiro astronauta americano. Chamaram Katherine, que por acaso era especialista em geometria. Ela encarou o problema de trás pra frente. Pediu para dizerem aonde queriam que a cápsula pousasse e então calculou o momento exato em que deveria ser lançada.

Quando John Glenn fez o primeiro vôo orbital da NASA, as computadoras já haviam sido substituídas por computadores, mas os engenheiros pediram para Katherine conferir, na mão se as contas estavam corretas.

Ela ajudou a calcular a trajetória da Apollo XI, fornecendo a base matemática e algorítmica para os programas da equipe da Margareth Hamilton, além de conferir na unha vários dos programas mais críticos.

Quando a Apollo XIII sofreu o clássico acidente Katherine Johnson calculou tabelas de órbitas e trajetórias alternativas para caso os computadores de bordo falhassem.

Ela escreveu 26 trabalhos científicos, mas como não era praxe colocar o nome de mulheres co-autoras só cinco estão identificados nos sites da NASA, mas é sabido que até se aposentar, em 1986 Katherine trabalhou com projetos de missões a Marte e com o Space Shuttle.

Katherine Johnson hoje tem 97 anos, vive com a certeza do dever cumprido, e mesmo que a contribuição das computadoras, principalmente as negras tenha sido apagada da História, seu trabalho foi tão importante e tão vital que os próprios astronautas faziam questão de conhecer as equipes e agradecer sua dedicação.



O Empurrão do Pardo



O F-4 Phantom II é um avião lindo, mas é enorme. Com 13 toneladas e 20 metros de comprimento só não é um ônibus por ser maior que um, mas mesmo assim foi bem eficiente como caça-bombardeiro no Vietnã. Só não era invencível, como descobriu o Capitão Earl Aman, em um fatídico 10 de Março de 1967.

Era uma missão de rotina, bombardear alguns alvos e estragar o dia dos vietcongues, mas tudo deu errado. Charlie estava especialmente afiado e a artilharia antiaérea inimiga foi perfeita. O Phantom do Capitão Earl foi atingido em cheio. Mesmo assim ele continuou, e soltou suas bombas em uma siderúrgica norte-vietnamita, apenas para ser alvejado de novo.

Os tanques de combustível externos viraram uma peneira. Todo o querosene precioso que o levaria até um avião-tanque agora respingava sobre a floresta.

O Capitão Earl e seu oficial de armas seriam obrigados a saltar em território controlado pelo inimigo. Seriam capturados e mortos, ou com muita sorte, levados para Hanói e torturados.

O outro avião do grupo também havia sido atingido. Perdendo combustível e voando com um só motor o comandante da missão, o Capitão Bob Pardo avaliava as possibilidades. Com toneladas de experiência, a única possibilidade que não era cogitada era abandonar o companheiro.

Perdendo altitude a uma taxa alarmante o Phantom do Capitão Earl logo se tornaria alvo fácil para a artilharia inimiga, que terminaria o serviço. Situações desesperadas exigem

soluções desesperadas. Bob Pardo avisou o amigo de suas intenções, se aproximou por trás e tentou empurrar o Phantom com o nariz de seu próprio avião.

Não deu certo, além de frágil o nariz do Phantom não encaixava na traseira do outro avião. Seria o fim? Não. Bob Pardo mandou que Earl baixasse o gancho de parada, um componente de metal reforçado projetado para segurar todo o peso do avião, durante um pouso em porta-aviões a mais de 200Km/h.

Com o gancho abaixado Pardo colocou seu Phantom em uma posição encaixando-o contra o vidro do cockpit. Deu certo, mesmo que nada ali tivesse sido projetado para isso. A cada 30 segundos o gancho soltava e Pardo tinha que se reposicionar, ao mesmo tempo em que lidava com um motor danificado que insistia em pegar fogo cada vez que era religado.



Para complicar Bob Pardo percebeu o vidro começando a rachar. Se ele se partisse o gancho o atingiria em cheio. Mudando de estratégia, tentou posicionar seu Phantom para que o gancho encostasse na armação de metal do vidro do cockpit. O vidro resistiu.

Ao final ele conseguiu empurrar o companheiro por quase 150Km, até a fronteira com o Laos. Os quatro ejetaram, evadiram tropas norte-vietnamitas que ainda tentaram capturá-los e algumas horas depois foram resgatados por helicópteros.

Pardo imediatamente levou uma descascada dos comandantes, por ter destruído um avião bem caro, mas todos os pilotos o viram como um herói. Se ele fosse punido a Marinha dos EUA acabaria com um motim nas mãos, e a idéia foi esquecida.

Infelizmente o gesto de Pardo também foi, somente 20 anos depois ele e Steve Wayne, seu oficial de armas foram agraciados com a Estrela de Prata. Aparentemente perceberam que a vida de quatro aviadores é algo muito mais valioso do que um avião. Bob Pardo era um exemplo a ser seguido, pois ganha-se guerras não se preocupando em matar o inimigo, mas preocupando-se em proteger o seu amigo.

O último bombardeio a Berlim



Pela janela de seu quadrimotor o Coronel Gail Halvorsen via Berlim se aproximar. Antes inexpugnável, nenhuma das baterias antiaéreas que protegia a cidade existia mais. A capital do Reich que duraria mil anos jazia em ruínas, tropas soviéticas mantinham a cidade virtualmente cercada. Que a guerra estava perdida para a Alemanha, não importava.

Ajeitando o curso com pequenos movimentos de manche, o piloto avisou à tripulação para se prepararem, estavam chegando no alvo nas cercanias da única base aérea ainda em atividade. Próximo à pista, ele viu uma movimentação. Um grupo de crianças marcadas pela guerra se reunia em campo aberto.

Com um sorriso, o Coronel alinhou seu avião para que, se a tripulação fizesse o lançamento no momento exato, acertasse as crianças em cheio.

"Agora!" disse ele.

Os tripulantes corresponderam a seu treinamento e seu vacilar despejaram toda a carga em cima das crianças. Elas adoraram, pois como prometido o Tio do Chocolate havia trazido vários quilos de balas e guloseimas, presos a paraquedas improvisados.

Era 1948. Depois da derrota da Alemanha Berlim havia sido dividida entre ingleses, americanos e soviéticos, mas os soviéticos controlavam boa parte do território em volta da cidade, e decidiram estrangular os aliados, fechando todos os acessos terrestres. A população iria morrer de fome e doenças se algo não fosse feito.

Liderados pelos EUA, Inglaterra, Canadá, Austrália, Nova Zelândia e África do Sul montaram uma operação de transporte de suprimentos por via aérea que durou até Maio de 1949. Foram mais de 200 mil vôos em um ano, quase 9 mil toneladas de suprimentos diariamente. Mesmo assim eram restritos aos bens mais essenciais, a

população ainda era miserável. Crianças principalmente, tendo crescido durante a guerra, não conheciam as alegrias simples de uma infância normal.

Gail Halvorsen era um piloto de transporte durante a Segunda Guerra que havia sido convocado para a chamada Operação Vittles, o enorme comboio aéreo que não deixou Berlim morrer de fome. Durante uma folga pelas imediações da base aérea, ele viu um grupo de crianças, que o cercaram. A única coisa que ele tinha no bolso eram dois chicletes, que ofereceu a elas.

De uma forma que somente a necessidade da guerra ensina, as crianças dividiram os chicletes em vários pedaços, para que mais delas pudessem mascar. As que não ganharam pedaços, ficaram com as embalagens para cheirar. Era a primeira vez que aquelas crianças provavam um chiclete.

O Coronel Halvorsen falou que da próxima vez iria jogar doces do avião, e balançaria as asas para que as crianças o identificassem. Elas o chamaram de Tio Asas Balançantes.

Voltando para a base, ele torrou sua ração de alimentos em balas e chocolates. Convenceu os colegas a colaborar e no dia seguinte como prometido vários quilos de guloseimas foram lançados, presos a paraquedas feitos com lenços e lençois cortados.

Os lançamentos se tornaram diários, os outros aviadores colaboravam na confecção dos paraquedas e na obtenção dos doces. Algum tempo depois a notícia dos lançamentos chegou aos ouvidos do General William Tunner, comandante da operação de transporte. Seguiu-se a bronca tradicional, a ameaça de corte-marcial e a ordem para... prosseguir.

O General gostou tanto da iniciativa que criou informalmente a Operação Little Vittles, que chegou a ter 25 pilotos participando. Os jornais descobriram tudo e espalharam nos EUA que ao invés de bombas agora os aviões da Força Aérea jogavam chocolate para as crianças alemãs. Formou-se um movimento onde crianças americanas juntavam dinheiro para comprar doces, montavam paraquedas e escreviam mensagens para as alemãs.

Em Berlim as crianças corriam atrás dos doces, escreviam mensagens de agradecimento para os pilotos e para as crianças americanas e as mandavam por carta, junto com os paraquedas.

Tim Chopp era uma dessas crianças, e em 1998 mesmo com 60 anos ainda lembrava em detalhes do paraquedas preso a uma barra de Hershey's que ele conseguiu pegar.

"Levei uma semana para comer tudo. Eu a escondia, mas o chocolate não era o mais importante. A coisa mais importante era que alguém na América sabia que eu estava passando necessidade, e alguém se importava. Isso significava esperança."

No total foram mais de 23 toneladas de chocolates balas e doces, sem intenção o Coronel Halvorsen avançou em décadas as relações EUA-Alemanha, curando feridas de guerra que normalmente levariam décadas. Em casa ele foi agraciado com a Medalha

de Ouro do Congresso. Na Alemanha ele foi uma das raras pessoas a, ainda viva, batizar uma escola, além de receber a Ordem de Mérito da República Federativa Alemã.



Em 2002 durante a abertura dos jogos olímpicos ele carregou a placa com o nome da Alemanha, liderando a delegação nacional. Hoje com 95 anos, o Coronel Halvorsen tem 5 filhos, 24 netos e 43 bisnetos. Seu gesto foi repetido em diversas ocasiões, seja com ele mesmo lançando doces para crianças durante a Guerra da Bósnia, seja com projetos semelhantes em várias partes do mundo.

Acima de tudo, Gail Halvorsen conseguiu algo raro entre os militares. Ele não é um herói de guerra, é um herói da paz.

De Gaulle e a Andorinha



Durante uma visita a Washington em 1960 o Presidente Charles De Gaulle resolveu aproveitar a oportunidade para conhecer um herói de infância, um americano admirado e reconhecido pelo povo e pela nação francesa como um exemplo a ser seguido, na guerra e na paz.

Para sua imensa surpresa, ninguém na Casa Branca tinha ouvido falar de Eugene Bullard. O staff se desdobrou, em uma época sem internet até encontrar o sujeito. De Gaulle enquanto isso com certeza tentava imaginar como um país que se diz sério esquece assim de seus heróis.

Eugene Bullard nasceu na Geórgia, em 1895. Seus pais haviam fugido da revolução e emigrado para os Estados Unidos atrás do Sonho Americano, e como quase todo mundo acordaram para uma realidade bem menos promissora. Não querendo repetir a vida de dificuldades de seus pais, ele ainda adolescente embarcou como clandestino no *Marta Russ*, um vapor alemão e foi parar na Escócia.

O filho de imigrantes se tornou ele mesmo um imigrante, um tempo em Glasgow, depois em Paris, cidade pela qual se apaixonou depois de uma visita. Esse amor pela cidade-luz foi demonstrado quando, em 1914 estourou a Primeira Guerra Mundial, embora eles provavelmente não a chamassem assim. Eugene mostrou pra França que um filho seu, mesmo adotado não fugia à luta, e se alistou na Legião Estrangeira.

A Legião sempre foi a tropa mais temida do Exército Francês, e seus membros eram exigidos e treinados para que essa reputação fosse correspondida. O preço, alto demais, eram as baixas. Em 1915 a Legião Estrangeira tinha 21887 combatentes. Terminou o ano

com 10683. No mais cruel e darwinista dos cenários, só os mais aptos, fortes corajosos ou insanos sobreviviam. Eugene sobreviveu, como operador de metralhadora.

Ele lutou pela França em batalhas como Champagne e no Norte da África. Transferido para 0 170º Regimento de Infantaria, uma tropa de elite conhecida como As Andorinhas da Morte (não, não sei se africanas ou européias) Eugene estava deixando seus pais preocupados, a ponto de escreverem para o Secretário de Estado pedindo que ele fosse mandado para casa, pois teria se alistado mentindo a idade.

Os franceses, que entendem um pouquinho de honra, ignoraram o pedido dizendo que ele já era bem grandinho. Eugene foi parar na Batalha de Verdun, uma vitória francesa onde perderam 162 mil soldados, e de onde nosso jovem americano quase não volta. Era Março de 1916 e ele foi gravemente ferido. Só se recuperou em Outubro, mas estava incapacitado para lutar na infantaria.

Pessoas normais teriam voltado pra casa com a sensação de dever cumprido. Eugene Bullard se realistou, dessa vez na *Aéronautique Militaire*. Após um rápido treinamento ele fazia parte da força militar mais mortal do mundo, a nascente aviação. Mortal para seus membros. Em alguns momentos da Guerra a expectativa de vida de um piloto era de 2 semanas.

Inicialmente voando como artilheiro, Eugene era aquele bucha que ficava no banco de trás dos biplanos, tentando inutilmente derrubar os Fokkers alemães. Vendo que sobreviveria mais tempo no comando, pediu para ser treinado como piloto. Foi aceito e após um curso relâmpago se tornou o piloto número 6950 do Aeroclube de Paris.

Seu objetivo era ingressar na Esquadrilha Lafayette, formada por pilotos americanos, mas eles estavam lotados. Eugene foi transferido para a Esquadrilha 93, onde participou de dezenas de missões de combate, tendo abatido vários caças inimigos, embora o número exato tenha se perdido na burocracia da História. Em uma de suas missões ele voltou com 78 buracos de bala no avião.

Quando os Estados Unidos entraram na Primeira Guerra Mundial ele tentou se alistar, mas por questões de regulamento não conseguiu. Eugene continuou servindo pela França até 1919.

Voltando para Paris ele começou a trabalhar como baterista, depois como gerente do Le Grand Duc, uma casa noturna. Logo ele se tornaria dono do L'Escadrille, nome adequado para uma boate/restaurante de um ex-piloto. O local era frequentado por vários ases da Grande Guerra, amigos que serviram com Eugene. Por ser americano ele acabou fazendo contato e trazendo para apresentações gente como Josephine Baker e Louis Armstrong, A Esquadrilha virou referência no mundo do Jazz na Europa.

Quando a Segunda (aí sim) Guerra Mundial começou a se avizinhar, o Governo Francês contatou Eugene. Seu bar era popular e visitado por gente do mundo todo. Seria muito interessante se ele ficasse de olhos e ouvidos abertos, ainda mais por falar inglês,

francês e alemão, algo pouco comum para alguém em sua posição. Ele topou e repassou informações valiosas até a invasão inimiga.

Mesmo sendo um veterano com feridas de guerra com 45 anos de idade, uma última vez ele se voluntariou e foi designado para defender Orleans. Seu grupamento foi dizimado pela artilharia alemã. Gravemente ferido, conseguiu transporte para a Espanha e de lá para os Estados Unidos. Suas aventuras na guerra finalmente tinham acabado, ele estava seguro, em seu país de origem.

Seguro e esquecido. Sua vida em Paris não existia mais. Seu bar foi destruído pela guerra, mas o Governo Francês o indenizou, ele conseguiu comprar um apartamento em New York, onde morava sozinho. As filhas já casadas viviam as próprias vidas. Na parede de seu quarto, Eugene exibia fotos com seus amigos famosos do tempo da guerra, e suas 15 condecorações, incluindo a Medalha Militar, a Cruz da Guerra, a Cruz dos Combatentes e a Legião de Honra, condecoração criada por Napoleão Bonaparte e a mais alta honraria concedida pela França.

Em 1954 Eugene Bullard foi convidado pelo Governo Francês para, ao lado de dois soldados franceses reacender a Chama Eterna, no monumento ao Soldado Desconhecido no Arco do Triunfo, em Paris. Isso mal rendeu uma nota de rodapé nos jornais nos Estados Unidos. Sua Legião de Honra, recebida em 1959 valeu uma entrevista a contragosto e só.

Quando os funcionários da Casa Branca acharam Eugene Bullord em New York, em 1960, um dos grandes heróis de guerra da França vivia em um pequeno apartamento no Harlem e trabalhava no Rockfeller Center como ascensorista.

Eugene Bullard morreu um ano depois, sem nunca ter se recuperado totalmente das feridas da guerra. Foi enterrado com honras militares no Cemitério de Oficiais de Guerra da Federação Francesa, em Flushing, New York. Seu caixão foi coberto pela bandeira da França, não dos EUA.

Honrado por sua terra adotiva, Eugene foi esquecido por seu país de nascença. Um detalhe tornava sua existência por demais incômoda para os Estados Unidos daquela época. Eugene Bullard era negro.



Só em 1994, 33 anos após sua morte a Força Aérea dos EUA reconheceu que ele foi rejeitado por sua cor, e o agraciou postumamente como Segundo-Tenente.

Não importa. Para a História e para a França e para os Alemães que combateu Eugene Bullard sempre será a *Andorinha Negra da Morte*.

O Primeiro Verão da Lata



Hitler também fez coisas boas. Pronto, já temos a frase para ser citada fora de contexto nas resenhas do livro, mas a sério. A Alemanha Nazista teve um monte de péssimas idéias, mas também teve algumas excelentes. Em geral por necessidade militar, como as autobahns mas nem por isso deixam de ser idéias excelentes e persistem até hoje.

De todas talvez a mais genial e simples seja a... Jerry Can.

Napoleão dizia que um exército marcha com o estômago. Logística sempre foi a parte mais complicada de uma guerra. É fácil colocar um sujeito na linha de frente atirando em outro sujeito, complicado é garantir que o sujeito receba munição, comida, meias, cuecas, papel higiênico... para cada soldado na linha de frente na Segunda Guerra havia pelo menos 5 na retaguarda cuidando de suprimentos.

Na Primeira Guerra do Golfo Bagdá só não foi invadida por uma questão logística: As linhas de suprimento não conseguiam acompanhar os blindados. Tanques, que tradicionalmente são lentos funcionavam tão bem no deserto que quando a Coalisão viu tinha linhas de suprimento de milhares de quilômetros, inviáveis de proteger.

De todos os suprimentos o mais vital é combustível. Rommel perdeu a guerra no deserto quando os aliados começaram a afundar os navios que levavam gasolina e diesel para as unidades alemãs. Só que receber o combustível é apenas parte da logística. Distribuir também é complicado.

Um barril de 200 litros não é algo fácil de carregar por aí, imagine levar um no jipe como combustível-reserva. Hitler precisava de um novo tipo de galão. Na época, líquidos eram transportados em latas quadradas comuns, ou em galões redondos. Os redondos eram péssimos de armazenar e carregar com aquelas alças finas, e as latas quadradas eram desajeitadas. Todos precisavam de funis para reabastecer veículos.

Havia até esta abominação sendo vendida como solução pro Exército Alemão:



Uma competição entre diversas firmas foi vencida por um engenheiro chamado Vinzenz Grunvogel. Ele criou o Rolls Royce das latas, a Ferrari dos galões. Chamada de Wehrmacht-Einheitskanister pelos alemães e de Jerry Can pelos ingleses, já que era assim que chamavam os alemães (de Jerry, não de Can) a nova lata era... perfeita.

A ponto de quando uma tropa alemã era capturada, os ingleses imediatamente confiscavam as Jerry Cans, transferiam sua água e gasolina para elas e jogavam as latas oficiais do exército britânico fora, apesar de ser proibido usar equipamento do inimigo.

Qual o segredo da Jerry Can? Elas eram retangulares e finas, perfeitas para transporte em grande quantidade sem risco de rolarem e se danificarem. Isso era importante, em alguns casos até $\frac{1}{3}$ do combustível enviado via aérea pelos ingleses e americanos era perdido durante o transporte.

A Jerry Can tinha três alças paralelas. Com 20 litros, um homem poderia levar uma em cada mão, ou então duas vazias de cada lado. Em marchas longas dois homens podiam levar uma lata segurando nas alças opostas. Essa configuração também permitia que soldados em mutirão repassassem latas uns para os outros.



Feita com duas peças de metal estampado, recoberta de plástico na parte interna e soldadas, era muito simples e barata de fazer. A genialidade do projeto chegava ao ponto da área da solda, um ponto estruturalmente frágil ser em uma reentrância, assim não haveria risco do galão cair e um ponto de solta ser danificado.

A tampa era fechada com uma gaxeta de borracha e uma trava de pressão, com um pino de segurança. Não havia rosca para ser mal encaixada. Não havia como fechar pela metade. Quando aberta a tampa tinha uma trava que a mantinha aberta, assim não atrapalharia quando fosse virada em um tanque de combustível.

No alto da Jerry Can havia um reservatório de ar que servia para absorver pressão quando a temperatura aumentasse, evitando que a lata inchasse, e também ajudava o conjunto a flutuar, assim Jerry Cans podiam ser lançadas de aviões em lagos, rios e praias.

O revestimento interno foi criado com a mesma tecnologia usada em barris de cerveja. Uma Jerry Can podia ser lavada e usada para armazenar outros líquidos, como água potável.

A Alemanha começou a produzir milhões de Jerry Cans em segredo, mas ela caiu em mãos aliadas graças a um daqueles casos que a gente vê em filmes e acha coisa de roteirista preguiçoso.

Em 1939 um engenheiro americano chamado Paul Pleiss estava trabalhando na Alemanha. Decidiu nas férias fazer uma aventura automobilística pela índia. Ele chamou um colega alemão, que topou. Compraram um chassi de carro, construíram seu possante, mas faltava a reserva de água de emergência. O alemão, muito prestativo lembrou que havia um estoque de milhares de Jerry Cans no aeroporto de Tempelhof. Pegou três, montaram embaixo do carro e seguiram viagem.



Quando chegaram na índia o alemão já tinha detalhado toda a engenharia por trás das Jerry Cans. Não adiantou muito Herman Goering ter mandado um avião com soldados da SS para arrastar o tal engenheiro de boca frouxa de volta para a Alemanha.

Pleiss seguiu viagem, chegou em Calcutá, guardou o carro num depósito e voou pros Estados Unidos. Contando para o Departamento de Guerra da Jerry Can, não se interessaram muito, mas mesmo assim ele conseguiu trazer o carro inteiro da Índia. Apresentando a lata para os engenheiros do Departamento de Guerra, acharam legal mas preferiram continuar com o modelo oficial, um barril de 75 litros que precisava de uma chave e um funil para ser usada.

Ele levou uma lata para o Exército, que resolveu copiar o modelo, mas tiraram a tampa, trocando por uma de rosca, que de novo exigia uma chave e um funil, e ainda trocaram as soldas por juntas de pressão, que não funcionam direito para líquidos.

Quando os ingleses perceberam que os soldados só usavam as Jerry Cans, perceberam seu valor e começaram a estuda-las. Consultaram um engenheiro americano que por acaso estava por lá. Paul Pleiss. Ele mandou vir sua terceira Jerry Can dos EUA, explicou o processo de fabricação e logo os ingleses estavam produzindo suas próprias Jerry Cans.

Os americanos continuavam a ignorar as Jerry Cans, a ponto de em 1942 40% do combustível enviado para a África ser perdido em vazamento e evaporação. O combustível chegava em barris de 200 litros e era transferido para latas de 20 litros tão mal projetadas que inchavam com o calor e começavam a vazar, 30% do combustível ia embora assim. As perdas de vidas e equipamentos por causa dessas latas são incalculáveis.

Quando ficou evidente que a lata americana era uma bela bosta, o Exército cancelou a produção de um modelo que estava sendo desenvolvido e aceitou usar a Jerry Can inglesa. A Guerra no Norte da África foi vencida principalmente graças às Jerry Cans apreendidas dos alemães capturados. Quando a produção engrenou, a Europa foi inundada com 21 milhões de Jerry Cans britânicas.

Por puro orgulho os americanos mal mencionam as Jerry Cans em seus registros oficiais.

Depois da Guerra a Jerry Can começou a ser usada por civis, todo jipeiro tem uma. As forças armadas, sempre atrás de soluções mais eficientes não conseguiram melhorar a Jerry Can. A Lata Secreta de Hitler ao invés de se tornar uma lembrança do passado, não só persiste como se espalhou. Hoje todas as forças armadas do mundo usam Jerry Cans em suas muitas variações.

O 3º Reich falhou miseravelmente em suas ambições, mas a Jerry Can não duvido que dure mil anos.



Fly me To The Moon



É seguro dizer que mais gente no mundo usa e se beneficia de satélites do que de banheiros. O agricultor no interior da Índia que mora numa cabana feita de esterco usa seu celular para consultar serviços de meteorologia e saber quando antecipar a colheita para evitar a chegada das monções. Parte dessa informação se original de satélites meteorológicos e toda ela passa por satélites de comunicação geoestacionários.

Eles ficam em um cinturão a 36500Km de altitude, chamado Órbita de Clarke em homenagem a Arthur C. Clarke que calculou sua posição e de quebra inventou o conceito de satélite artificial em 1945.

O que há de especial nessa altitude? Simples. Quanto mais alto o satélite, mais lenta sua velocidade. A pouco mais de 400Km de altitude, a Estação Espacial percorre sua órbita dando a volta ao mundo em 80 minutos (chupa Júlio Verne), voando (a rigor, caindo) a 28 mil km/h. Um satélte a 36500Km leva muito mais tempo, mais precisamente ele dá a volta ao mundo em 24 horas.

24 horas é também o mesmo tempo que o planeta leva para girar em torno do próprio eixo. Ou seja: Um satélite na órbita de Clarke fica parado em relação a um ponto fixo na

superfície da Terra. Podemos saber com precisão onde ele está, apontar uma antena e salvo algo muito ruim, ele permanecerá lá. Isso é um fato, pergunte pra uma antena da Sky.



Na imagem acima, a órbita geoestacionária. à direita, em escala, a Lua

Mandar o satélite até lá não é tão simples, como descobrimos no dia 25 de Dezembro de 1997. Um defeito no último estágio do foguete Proton russo impediu que o lançamento fosse bem-sucedido. Ao invés de uma sucessiva série de acionamentos do motor colocarem o AsiaSat-3 em uma órbita equatorial a 36500Km de altitude, ele acabou em uma órbita altamente elíptica inclinada 51 graus, com apogeu de 36000Km e perigeu de 203Km.

Dado como perdido, dinheiro do seguro pago, o satélite trocou de mãos várias vezes, até chegar na Hughes Global Services, o fabricante original. A um custo de US\$100 milhões, qualquer tentativa para salvar o AsiaSat-3 (agora chamado HGS-1_ era válida. Só que para isso era preciso pensar fora da caixa. 380 mil km fora da caixa, indo aonde nenhum satélite comercial jamais esteve.

Os engenheiros da Hughes propuseram usar a Lua para corrigir a altitude e a inclinação do satélite. Isso era absurdamente fora dos parâmetros e especificações do projeto. Ele iria enfrentar temperatura, radiação e stress muito além do que seus criadores sonharam.

Depois de muita consideração o plano foi aprovado, e aí acabou a parte fácil. Até hoje só missões governamentais chegaram na Lua, e a taxa de fracasso é de 50%. O HGS-1 havia sido projetado para ficar em sua órbita, alegre e feliz e obedecer a comandos de terra. Não tinha autonomia para navegar, corrigir trajetória, nada. Também não tinha como se comunicar a mais de 10x a distância para a qual seus rádios estavam ajustados.

Ele iria enfrentar calor do Sol e frio do espaço, seria preciso calcular uma rotação constante, colocando o satélite como um frango de padaria (as Apollo usavam a mesma técnica). Sua posição precisaria ser medida com lasers, radares, desvio Doppler e outros métodos.

O combustível era o fator principal. As manobras de elevação de órbita deveriam ser feitas quando o satélite estivesse entre a Terra e a Lua, para que a gravidade lunar o puxasse e ele economizasse propelente.

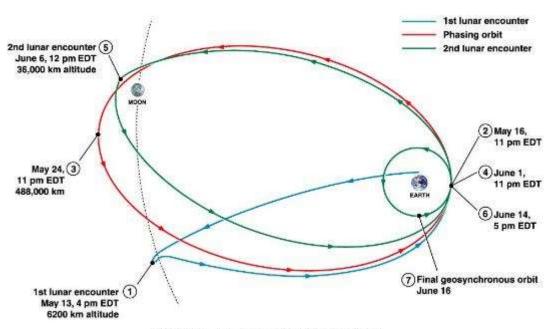
Todo o projeto foi semi-oficial, os envolvidos trabalharam como voluntários, até produzir uma proposta irrecusável.

Problemas se acumulavam. As manobras precisavam compensar a perda de peso devido ao combustível consumido. Cada vez que uma solução era calculada ela se tornava inválida quando o HGS-1 terminava mais leve. Tudo precisava ser levado em conta, incluindo sobrar combustível suficiente para o satélite ter uma vida operacional ao final.

Foi montado um *dream team* de especialistas, gente de vários lugares do mundo incluindo Mery Pinheiro, uma brasileira que nunca ouviu que mulheres dirigem mal, e se tornou uma das maiores especialistas do mundo em manobra e orientação de satélites. Ela foi chamada como consultora e voou do Brasil para os EUA, e nas palavras do chefe do projeto, "ajudou a tornar a missão possível".

Mery já tinha experiência com problemas cabeludos. Em 1984 ela participou da recuperação dos satélites Westar4/PalapaB2, que também tiveram problemas no lançamento e precisaram de meses e 600 manobras cuidadosamente sincronizadas até atingirem uma órbita estável, seguida de um resgate inédito pelo ônibus espacial.

Foi preciso executar 13 manobras diferentes para injetar o HGS-1 em trajetória translunar. Motores que foram projetados para pequenos acionamentos algumas vezes por ano queimavam por minutos a fio, sistemas de estabilização lidavam com forças estranhas, sinais de comunicação flutuavam, mas deu certo.



HGS-1 2nd LUNAR FLYBY ORBITAL TRAJECTORIES



10 de Abril de 1988 a comunidade internacional de rastreadores de satélite percebeu que algo de muito errado estava acontecendo com o AsiaSat-3. Pressionada a Hughes admitiu e o mundo soube que pela primeira vez na História uma sonda comercial iria sobrevoar a Lua.

No dia 13 de Maio, seguindo as manobras precisas de Mery Pinheiro e a trajetória calculada por um bando de engenheiros ousados o HGS-1 passou a 6200Km de distância da Lua, sua gravidade puxando e distorcendo a órbita do satélite de 3,4 toneladas. O efeito de estilingue roubou velocidade angular da Lua, acelerou o HGS-1 e agora seu perigeu não era mais de algumas centenas de Km, era próximo dos 36500Km desejados.

Nesse momento o pessoal da Hughes mostrou que era ambicioso. O HGS-1 seguiu sua órbita, voltando para a Terra, mas não estavam satisfeitos. Foi feita uma manobra para que ele se posicionasse para um *segundo* sobrevôo lunar. Dessa ver a 34300Km de altitude. Esse segundo sobrevôo foi feito de forma que a Lua puxasse o HGS-1 para uma inclinação oposta à sua. A órbita que começou com 51 graus terminou com 8.

Voltando para a Terra, quando o satélite se aproximando do perigeu foi a hora de pisar no freio. Direcionando os motores foram acionados ao máximo, queimando boa parte do combustível restante, mas ao final o HGS-1 estava salvo em órbita geoestacionária. Era 16 de Junho de 1998 e a primeira missão comercial à Lua havia sido um sucesso.

Um ano depois o HGS-1 foi vendido para a PanAmSat, rebatizado de PAS-22 e funcionou até 2002, quando seu combustível atingiu níveis perigosamente baixos e ele foi descomissionado, sendo transferido para uma órbita-cemitério.

O salvamento do HGS-1 foi mais um dos exemplos de como humanos podem ser magníficos quando decidem trabalhar juntos e não têm medo de ousar. A única parte triste é que um monte de gente sabe que nosso programa espacial tem um datilógrafo, mas quase ninguém conhece Mery Pinheiro, a brasileira que ajudou a mandar um satélite pra Lua e trouxe ele de volta.

Quando beber é preciso, pensar nem tanto.



Em 1987 um alemão de 18 anos chamado Mathias Rust percebeu que estava desocupado. Ao invés de apenas se encher de cerveja nos bares locais, ele cismou que iria promover a paz entre os povos. Com apenas 50 horas de vôo ele alugou um Cessna F172P e deu início a seu plano maligno, digo, benigno.

Primeiro ele voou para as Ilhas Feroe, uma possessão dinamarquesa algumas centenas de Km acima das ilhas britânicas. Reabastecendo ele foi até a Islândia, onde ocorria um daqueles rotineiros encontros de paz da Guerra Fria, que nunca davam em nada, se bem que só de não terminarem em guerra, já era vantagem.

Como o encontro (surpresa!0 deu em nada, Mathias colocou seu plano em ação. Decolando da Islândia ele voou até Bergen, na Noruega. De lá foi para Helsinki, na Finlândia. Seu avião estava preparado para a aventura. Sem assentos extras, cheio de tanques de combustível auxiliares, Mathias decolou para Estocolmo mas nunca chegou lá. Seu destino era outro.

As autoridades finlandesas começaram buscas quando ele não apareceu, mas Mathias era procurado também por gente muito mais eficiente e letal: As tropas de fronteira da União Soviética.

Ele apontou o avião para o Leste, desafiando com um simples Cessna o maior e mais eficiente sistema de defesa antiaérea de todos os tempos, criado para deter uma invasão da OTAN. Isso foi o que salvou Mathias.

O sistema de defesa estava preparado para uma invasão em grande escala, não um único avião, e lento ainda por cima. Os sistemas de radares captavam o Cessna de Mathias mas até conseguirem permissão para reagir ele já estava longe. Caças foram enviados, mas não conseguiam achá-lo. Ele era dezenas de vezes mais lento que seus perseguidores, era como tentar cercar um Fusca com um Formula 1.

Várias vezes ele ficou sob a mira dos mísseis soviéticos, mas ninguém conseguia autorização para atirar contra um alvo tão não-beligerante. Poderia ser o ataque kamikazi mais eficiente ou burro da História.

No final Mathias Rust chegou até Moscou sem ser interceptado e pousou em plena Praça Vermelha, à vista de turistas e suas câmeras, para desespero dos russos. Se por um lado eles demonstraram contenção ao não abater um avião claramente pacífico, por outro mostraram que seu sistema de defesa era uma piada.

Mathias Rust foi condenado a 4 anos de trabalhos forçados, mas com 1 ano voltou pra Alemanha. A lista de malucos voadores desfiando regras foi acrescida de mais um nome, mas nenhum tão lendário quanto Tommy Fitz, como era conhecido Thomas Fitzpatrick. Ele era um veterano da Guerra da Coréia, onde viu muita coisa ruim, como gostava de contar para os (outros) bêbados de seu bar favorito em Nova York, no dia 30 de Setembro de 1956.

No meio de uma noitada de muito, muito álcool ele se gabou que conseguiria ir de Nova Jersey a Nova York em 15 minutos, coisa que nem o Uber promete. Os outros bebuns riram, mas aceitaram a aposta. Tommy correu e por volta de 3AM chegou em um aeroporto em Nova Jersey, onde roubou um avião.

Completamente bêbado, sem usar luzes de navegação ou rádio ele pousou o avião na avenida St Nicholas, em frente ao bar, onde entrou e foi recolher os ganhos de sua aposta. Não só os que duvidaram ficaram com cara de bunda, como o New York Times publicou o feito como uma grande manobra aeronáutica. O dono do avião se recusou a dar queixa e ele se safou com uma multa de meros US\$100,00.



Dois anos depois Fitz estava em um bar na Rua Amsterdam, se gabando de seu feito quando um outro cachaceiro duvidou da história. Na falta de um YouTube, Fitz fez o que qualquer mente alcoolizada e irresponsável faria. Foi pro mesmo aeroporto, roubou outro avião e pousou *de novo* em frente ao bar. No meio de New York.

O segundo pouso foi mais irregular ainda, ele não tinha mais brevê, tinha sido suspenso quando do primeiro vôo, mas isso não iria impedir um bebum ultrajado com poderes provavelmente jedis.

Fitz só foi morrer em 2009, trabalhou o resto da vida instalando calefação. Como não há registros de outros vôos irregulares, é seguro dizer que ninguém nunca mais duvidou de seus feitos.

Quer vencer a guerra? Apele para Jesus



Todo mundo, não só o Hannibal do Esquadrão Classe A adora quando um plano dá certo. Celebramos e divulgamos nossos sucessos, mas a verdade é que para toda idéia bemsucedida há uma pilha de idéias fracassadas. A maioria com sorte nunca saiu da fase de sugestão, mas nem sempre é assim.

Uma dessas idéias que felizmente nunca saiu do papel foi a Bomba Gay, parte de uma proposta do Laboratório Wright, em Ohio. Mais tarde provavelmente por causa dos excelentes (quá) serviços prestados se tornariam o Laboratório de Pesquisas da Força Aérea dos EUA.

Em um documento de 1994 foram apresentadas diversas propostas para armas químicas não-letais, o que não deixa de ser um avanço. Ao invés de fazer a carne descolar dos ossos do inimigo, como nas boas armas químicas dos filmes de James Bond, a proposta era mais... criativa.

Sugeriam pesquisar substâncias que atraíssem animais, como abelhas, assim o inimigo seria implacavelmente atacado. Também sugeriam posicionar várias colmeias perto da área a ser protegida.

A lista de idéias, digna de um catálogo da ACME também falava de compostos para atrair ratos e até animais maiores, para atrapalhar e distrair os inimigos. Uma proposta era criar compostos que deixassem uma marca no inimigo, mesmo sem ele perceber, como por exemplo... mau hálito.

A melhor das idéias propostas era desenvolver um tipo composto afrodisíaco para "afetar a moral das tropas inimigas". Quando aplicado esse feromônio de efeito

"desagradável" mas não-letal provocaria intenso desejo sexual entre os contaminados, em especial desejo por "comportamento homossexual".

Sim, alguém ganhou dinheiro para propor uma bobagem dessas, mas idéias piores foram bem além.

Em 1941 o Escritório de Inteligência Britânico (dois desses termos eram verdadeiros) tentou espalhar um boato para os alemães que 200 tubarões devoradores de homens haviam sido soltos no Canal da Mancha, e que qualquer aviador ou marinheiro inimigo teria um destino horrível se caísse ali. Não colou.

Outro plano que não levaram adiante era o de infiltrar em território alemão uma figura messiânica, que com truques de prestidigitação iria realizar "milagres". A figura pregaria uma mensagem de paz e daria a entender que era... Jesus. Os relatos seriam espalhados e amplificados pela Resistência, gerando confusão e afetando a vontade de lutar do povo alemão, na época bem religioso.

Esse plano "criativo" muito provavelmente chegou na mesa do Major-General Edward Lansdale, que durante a Segunda Guerra Mundial trabalhou o Escritório de Serviços Estratégicos, órgão que mais tarde se tornaria a CIA. Anos depois o germe da insanidade criativa britânica se multiplicou na mente do General, até se tornar uma proposta parte da Operação Mangusto, o projeto da CIA para derrubar Fidel Castro.

Como uma invasão armada seria custosa demais, tanto pela intervenção soviética quanto pelo apoio popular, era preciso tornar Fidel Persona Non Grata, mas como, com os russos despejando bilhões de dólares na Disneylândia do Socialismo?

O General Lansdale decidiu apelar para a religiosidade dos cubanos. Iriam começar a divulgar entre a população que Jesus estava voltando, e que Fidel Castro era o anticristo. Quando isso estivesse bem disseminado, um submarino quase no horizonte dispararia foguetes de sinalização, criando um espetáculo de luzes no céu de Cuba.

Aviões com motores abafados ou mesmo planando sobrevoariam Havana com poderosos amplificadores simulando a Voz de Deus (Não há detalhes, mas provavelmente estavam entre Alan Rickman e Morgan Freeman).

A cereja do bolo seriam imagens de jesus projetadas nas nuvens por um submarino que se esgueiraria próximo à costa de Havana.

Infelizmente o projeto não foi adiante, esse tipo de idéia merece ser destruída pela Realidade. Seu grande mérito é conseguir ser uma idéia que se mantém idiota mesmo em um mundo onde há gente que acredita em Terra Plana.

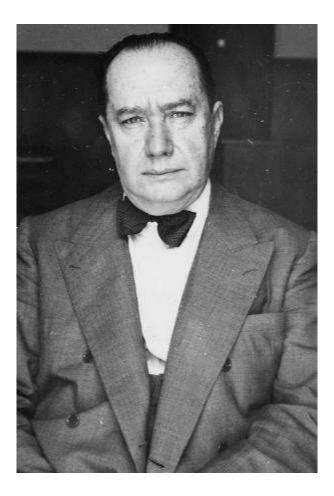
A Guerra dos Justos



Em 1943, quando as cortinas desciam ao final da estreia de Vestido de Noiva, de Nelson Rodrigues, nascia o moderno teatro brasileiro. Até então as produções eram apressadas, os atores estudavam apenas as próprias falas, os ensaios duravam uma, duas semanas se tanto. Vestido de Noiva levou meses até chegar aos palcos. Foram usados 132 efeitos de cena individuais, entre sonoplastia e iluminação. A peça funcionava em vários planos, havia uma visão global, tridimensional da obra.

O autor dessa visão era um cidadão de 34 anos, ator veterano, formado em Letras e carregando séculos de cultura nas costas. Seu nome era Zbigniew Marian Ziembiński, aquele era seu terceiro ano no Brasil, longe de sua Polônia natal. Ele foi um dos judeus poloneses com sorte suficiente para escapar do terrível destino que o esperava nas mãos da Alemanha Nazista. Se bem que sorte talvez não seja a palavra certa. Ele teve uma ajudinha, de um tal de Luís Martins de Souza Dantas.

Em 1922 Souza Dantas foi nomeado Embaixador brasileiro na França, sendo promovido do mesmo cargo em Roma. Paris é mais chique, desculpem, comedores de macarrão.



Profissional de carreira, o Embaixador curtia a quase-aposentadoria de seus 64 anos quando, em 1940 a Segunda Guerra Mundial ficou séria. O Governo francês para surpresa de ninguém mudou seu status de resistir para colaborar, instituindo a França de Vichy. As delegações diplomáticas estrangeiras se mudaram para lá, e enquanto os alemães marchavam em Paris, as estradas estavam cheias de refugiados. Foi numa dessas estradas, rumo a Vichy que o Embaixador Souza Dantas assinou alguns de seus primeiros vistos.

Era algo totalmente irregular, ilegal até. Havia toda uma burocracia para a emissão de um visto de imigrante para o Brasil. O candidato deveria apresentar dezenas de documentos, cheios de carimbos, comprovantes de saúde, residência, idoneidade moral e, claro, não ser judeu.

A exigência não era francesa, nem da embaixada. Era do Governo Vargas, mas ironicamente não era nada pessoal, nem tinha a ver com sua simpatia por Hitler. Vargas havia comprado o conceito de eugenia, achava que boa parte dos problemas brasileiros era porque nossa sociedade era mulatinha demais. Como Getúlio não era santo, mas também não era nenhum Hitler, sua Solução Final era mais razoável, no papel: Estimular a imigração.

A parte que não era razoável é que ele só queria os imigrantes "certos". Alemães, austríacos, portugueses e outros brancos eram bem-vindos. Raças "inassimiláveis" eram

barradas. Isso incluía os suspretos (© Hélio De La Peña) habituais, os judeus e até os japoneses.

O Embaixador Souza Dantas não se preocupava com isso. Ele nunca perguntou a ninguém que pedia visto a qual raça ou etnia a pessoa pertencia.

Para não comprometer os funcionários da Embaixada ele sempre que possível emitia pessoalmente os vistos, e entre Junho e 12 de Dezembro de 1940 mais de 1000 pessoas conseguiram das mãos do Embaixador vistos e cartas de trânsito para emigrar para o Brasil. Em grande maioria eram judeus, mas também havia comunistas, gays e outros grupos não-exatamente populares no III Reich.

Em 12 de Dezembro o Itamaraty, seguindo ordem de Getúlio Vargas proibiu o Embaixador de emitir novos vistos. Ele acusou o recebimento da mensagem e começou a emitir vistos falsificando a data, para que permanecessem legais.

Os refugiados quando chegavam no Brasil, totalmente irregulares geravam complicações para as autoridades, que tinham que lidar com a situação. Teeecnicamente eles tinham o Visto, mas nem sempre era suficiente. Em 16 de Outubro o SS Cabo de Hornos chegou ao Brasil vindo de Lisboa, a bordo 100 refugiados judeus com vistos do Embaixador Souza Dantas. O Governo se recusou a aceitar seu desembarque, ameaçando de deportação. Vários tentaram cometer suicídio, enquanto o navio zarpava para a Argentina.



A Igreja Católica, Embaixada Americana, organizações judaicas, americanos influentes, todos tentaram convencer Vargas a receber os refugiados. Nada adiantou. Nem um apelo pessoal de sua filha, Alzira, foi o suficiente. Ao final os refugiados foram salvos pelos Holandeses, que os receberam em Curação. O SS Cabo de Hornos foi o motivo #43425 pelo qual Getúlio Vargas é um belo de um filho da puta.



Oswaldo Aranha, Souza Dantas e um belo filho da puta

Em 11 de Outubro de 1941 um Rigoroso Inquérito foi aberto, o Embaixador foi considerado culpado e sua substituição foi determinada, mas como se hoje tudo no Brasil é complicado, imagine naquela época. Em Agosto de 1942 o Brasil declara guerra ao Eixo, Getúlio finalmente nomeia o substituto de Souza Dantas e decide arquivar o Inquérito, a burocracia fez com que as ações dele virassem... patrióticas.

No meio disso o Embaixador continuou usando sua influência para ajudar refugiados. Quando um navio cheio de passageiros com vistos falsificados foi forçado pelos ingleses a aportar em Casablanca, Souza Dantas convocou seu staff para um mutirão, renovando o visto de todos, garantindo assim que eles pudessem embarcar rumo ao Rio de Janeiro. De novo 100 judeus foram barrados quando o SS Alsina chegou ao Brasil. Desta vez foram acolhidos pelos EUA.

Em Novembro de 1942 a Alemanha decidiu que não queria mais brincar de governofantoche, e invadiu a França de Vichy, incluindo a região das embaixadas. Oficiais da Gestapo se depararam com a estranha visão de Souza Dantas, então com 66 anos gritando com eles sobre o absurdo que era invadirem na base do pé na porta uma representação diplomática. Um dos assessores dele que falava alemão acalmou os ânimos, antes que o Brasil ganhasse um mártir.

A delegação brasileira foi transferida para Bonn em Janeiro de 1943, onde permaneceram presos até Março de 1944, quando graças a uma troca de prisioneiros foram liberados para voltar ao Brasil. Para sorte do Embaixador, a história de seus feitos já estava bem conhecida entre os Pracinhas da FEB e entre o povo brasileiro. A mídia agora explorava sua imagem, mas sua libertação não era interessante, então Getúlio fez com que ele sumisse dos jornais.

Seus contatos na comunidade diplomática acabaram fazendo com que ele fosse chamado de volta pelo Itamaraty. Ele chefiou a delegação brasileira na primeira Assembleia Geral da ONU, em Londres, 1946. Ele foi o primeiro brasileiro a discursar na história da Organização.

O Embaixador Souza Dantas veio a morrer em 1954, em Paris, cidade que escolheu para os últimos anos de sua vida. Sua História estava apagada e esquecida, Getúlio o havia varrido dos currículos, dos jornais, dos livros. O Estadista Democrata Pai dos Pobres não queria que ninguém roubasse seu brilho ou lembrasse de seus desmandos como ditador.

Souza Dantas sequer seria um rodapé na História, mas Getúlio não contava com a gratidão do povo que ele tanto ajudou, com seus atos e exemplos.

Em 2003 o Museu do Holocausto, em Jerusalém outorgou ao Embaixador Souza Dantas o título de העולם אומות חסידי , ou "Justo Entre As Nações", uma das maiores honrarias do Estado de Israel. Somente gentios que arriscaram a vida para salvar judeus durante o Holocausto recebem o título.



É preciso que testemunhas judias indiquem o candidato, que pode ser de qualquer cor, raça ou classe social. Ao receber o título, se vivo o outorgado se torna Amigo do Estado de Israel, ganha direito de morar no país, com uma pensão e custos de moradia e saúde cobertos pelo Estado.

Somente dois brasileiros receberam essa honraria, o Embaixador Souza Dantas e Aracy Guimarães Rosa, que em 1938, então Aracy Carvalho era secretária no Consulado Brasileiro em Hamburgo, e durante a Noite dos Cristais abrigou Margarethe Bertel-Levy e o marido em sua casa. Mais tarde ela conseguiu vistos para que Margarethe, o marido e vários outros judeus fugissem da Alemanha.

Numericamente a quantidade de pessoas que ela salvou foi bem menor que a do Embaixador Souza Dantas, mas isso não torna sua comenda menos importante. Afinal,

como diz o Talmud, quem salva uma vida salva o mundo todo. Que dirá quem salva várias.

Agradecimento ao meu Assessor de Assuntos Judaicos Roberto Câmara Jr, por ter caçado informações usadas neste texto.

James Bonds e Datilógrafos



Nomes como lan Fleming e Frederick Forsyth ajudaram a criar a imagem do espião sedutor aventureiro exímio motorista, piloto, atirador, lutador. Toda missão era perigosíssima, envolvendo mulheres esguias e capitais europeias pitorescas. Na prática isso era tudo que um espião não queria, em verdade pouquíssimos espiões andavam armados e menos ainda atiraram em inimigos.

Um espião está no negócio de coletar informação, não de ser informação. Claro que houve um número razoável de operações negras, como o assassinato do escritor dissidente búlgaro Georgi Markov, em 1978. Ele foi morto com um guarda-chuva especial, projetado para injetar uma microcápsula com Ricina, obra da KGB e do Serviço Secreto da Bulgária.

Outras vezes o glamour da vida de espião atingia valores negativos. Durante a Operação Tamarisk, no começo da Guerra Fria EUA França e Inglaterra descobriram que os soviéticos estavam sofrendo escassez de papel higiênico, e até documentos oficiais eram usados para limpar as bundas vermelhas. Agentes vasculhavam lixeiras e redes de esgoto próximas a prédios oficiais e recolhiam o papel usado. Yay reciclagem!

Na maioria das vezes as missões de espionagem se resumiam a fotografar instalações estratégicas, pesquisar informações em bibliotecas e recrutar agentes infiltrados que traziam dados suculentos. A KGB era especialista em achar insatisfeitos que trocavam dados por dinheiro.

A espionagem eletrônica também existia, mas os melhores resultados vinham de fontes triviais. Uma grande sacada aconteceu em 1962, quando a CIA tentava desesperadamente espionar a Embaixada Soviética em Washington. Um dia repararam que o único americano que entrava e saída regularmente sem chamar atenção era o técnico da Xerox.

Substituir o técnico por um agente seria simples, mas e daí? Era perigoso demais querer que o cara começasse a revirar gavetas, ele seria preso, torturado, morto ou pior (a KGB era bem criativa nesses assuntos). Aparelhos de escuta seriam identificados por varreduras eletrônicas, mas a oportunidade era boa demais.

Surgiu a idéia de usar a própria Xerox 914 que os soviéticos alugavam para abrigar o equipamento de espionagem, e pelo tamanho do trambolho o equipamento poderia ser um anão-escriba e ninguém perceberia.



Com o ok do Vice-Presidente da Xerox, John Dessauer, um grupo seletíssimo de engenheiros foi escolhido. A CIA caprichando no melodrama alugou uma pista de boliche abandonada num *mall* próximo e instalou um mini-laboratório de desenvolvimento, onde os engenheiros bolaram uma solução excelente: Uma câmera super-8 acoplada a um sistema de lentes que era acionada cada vez que algo era copiado.

Em poucos segundos o técnico instalaria a câmera. Durante as visitas mensais ele rapidamente removeria a antiga, colocaria uma nova, com filme e baterias zerados, e levaria o material direto para a CIA.

O plano foi um sucesso, em 1963 a CIA recebia regularmente cópias das cópias feitas na Embaixada Soviética, com documentos secretos, memorandos, receitas de bolo, cartazes, trabalhos escolares dos filhos, correntes e tudo mais que as pessoas copiam no escritório para uso pessoal, afinal de contas comunistas também são gente e malocar recursos da empresa transcende ideologias.

Com a chegada da Xerox 813 a CIA resolveu ampliar o projeto, mas aí ficou complicado. Ela era muito menor. Os engenheiros tiveram que redesenhar o interior da máquina e

projetar uma câmera especialmente para ela, com um rolo de filme específico também. As peças foram encomendadas em manufaturas diversas, para que nenhuma tivesse idéia do que estava construindo.

Um número não-divulgado de máquinas foi espalhado pelo mundo, entre embaixadas, consulados e outros órgãos interessantes não só dos soviéticos e seus aliados, mas até de países amigos dos EUA. A brincadeira durou até 1969, quando uma empresa teve a mesma idéia para espionar uma concorrente, mas na falta da expertise da CIA, foram descobertos.

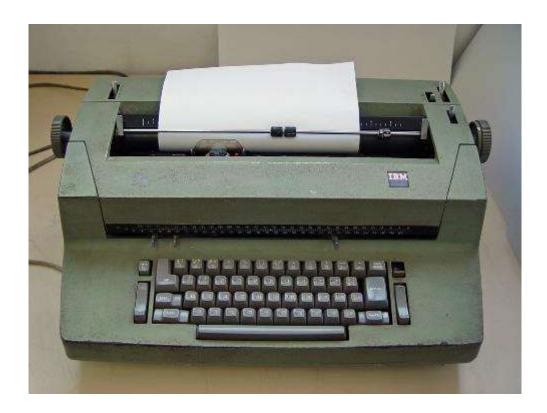
O raciocínio em Langley era que os russos, que de burros não tinham nada iriam examinar as próprias copiadoras, *just in case*. O projeto foi cancelado e os técnicos-espiões foram trocados por técnicos comuns, que os soviéticos não dariam uma dura pois saberiam que eram inocentes e alheios ao esquema de espionagem.

A Xerox, claro nunca admitiu participação no projeto, que para todos os fins práticos e oficiais, nunca aconteceu.

Do Outro Lado

Os soviéticos também não eram santos. Em termos de espionagem eles eram uns capetas, é consenso que foram os vencedores desse segmento da Guerra Fria. Além de métodos mais, digamos assim tradicionais, como a famosa Escola de Pardais da KGB, onde moças patrióticas eram ensinadas a usar seus dotes para seduzir dignitários ocidentais, também eram mestres na espionagem eletrônica.

Tão mestres que entre 1976 e 1984 tinham acesso a tudo que era datilografado na Embaixada Americana em Moscou e no Consulado em Leningrado. Era melhor que Xerox, mesmo que um documento fosse único, a KGB conseguia ler seu conteúdo. Como? Alguns gênios eletrônicos comunistas descobriram uma forma de hacker a IBM Selectric.



Uma das máquinas de escrever elétricas mais populares de todos os tempos e uma delícia, delícia de teclado, meus dedos tremem em pequenos movimentos orgásticos lembrando dessa belezura, que por ser de esfera, era muito mais rápida e não travava de vez em quando, como as máquinas de escrever mais antigas.

O funcionamento da máquina de esfera é surpreendentemente simples. Uma esfera (doh!) Contém os caracteres espaçados uniformemente em sua superfície. A tecla pressionada envia um sinal para uma unidade processadora que, sabendo a posição do caractere desejado ordena a esfera para girar X posições no sentido horizontal e X posições no vertical. Em seguida ela é pressionada contra a fita de tinta, o caractere é marcado no papel, ela volta para a posição inicial e espera a próxima letra.



Os russos descobriram que cada letra pressionada gerava um sinal eletromagnético levemente diferente. O suficiente para ser detectado e gravado. Eles montaram um magnetômetro em uma barra de aço dentro da máquina, com um circuito que identificava os caracteres digitados, menos shift, backspace, hífen e espaço.

Como o sinal que o equipamento identificava era gerado pelo movimento da esfera, não tinham como detectar os caracteres acima, e o hífen era o caractere central, a esfera não girava, por isso era invisível para a escuta também.

O circuito-espião acumulava 8 caracteres e então os transmitia via rádio para unidades de escuta soviéticas nas proximidades. Assim como os russos da Xerox, os americanos não tinham idéia de que estavam sendo espionados. Quer dizer, tinham, e realizavam inspeções periódicas, mas era muito difícil detectar a escuta. Era preciso que a máquina de escrever estivesse sendo usada, a escuta estivesse ligada E transmitindo.

A casa só caiu pros russos quando um aliado dos EUA descobriu que estavam sendo espionados com uma escuta tecnologicamente indetectável, e deu a dica. Os americanos iniciaram a Operação GUNMAN, um esforço para trocar todo o equipamento eletrônico das unidades diplomáticas na União Soviética. Computadores, maquinas de escrever, copiadoras (esse truque eles conheciam), telefones, tudo. Só que as repartições deveriam continuar funcionando, e os russos não poderiam desconfiar de nada.

As peças novas chegavam, eram descarregadas, trocadas de lugar com as antigas e embaladas nas mesmas caixas. No final 11 toneladas de equipamento entraram e saíram da Rússia, e aí acabou a parte fácil.

Os equipamentos precisavam ser examinados manualmente por engenheiros da NSA, com nível de segurança top secret. Cada peça passava por um raio-x portátil que usava filmes da Polaroid, para agilizar o processo. Depois de meses um dos engenheiros notou uma bobina extra na fonte de uma das máquinas de escrever, resolveu revirar a coitada de cima a baixo, tirou um monte de raios-x e finalmente achou a escuta.

No final 16 máquinas de escrever estavam "contaminadas". Os russos passaram anos sem ser detectados essencialmente por excesso de confiança dos americanos, que achavam suas medidas de contraespionagem suficientes. Não eram.

O mais engraçado disso tudo é que décadas depois, com as histórias de Edward Snowden e Julian Assange, os russos soltaram um comunicado dizendo que iriam passar a utilizar máquinas de escrever para produzir seus documentos, tornando suas informações imunes à espionagem eletrônica.

Para quem estava de fora, pareceu uma grande rasteira nos americanos malvadões da NSA, já quem conhece História deu uma boa gargalhada com a bravata de Moscou, propondo um recurso de segurança que eles mesmos provaram inseguro, 40 anos atrás.

A Calorosa Guerra Fria Espacial



Em 1970 o quebra-gelo *USCG Southwind*, da Guarda-Costeira dos EUA aportou em Murmansk, na Rússia. Ele vinha de uma missão onde reabasteceu bases polares e alimentou ursos polares com pizza e lasanha (sério). Politicamente era uma época bem complicada entre os dois países, mas havia um elemento especial: O Southwind havia sido emprestado para a União Soviética durante a 2ª Guerra, quando serviu com o nome *Kapitan Belousov*.

A visita de cortesia foi a primeira vez que um navio de guerra americano atracou em um porto soviético desde 1945. Eles foram recebidos pelo Contra-Almirante Garkusha, comandante interino da Frota do Norte, que fez um tour pelo navio. Na verdade, mais de 700 pessoas conheceram o Southwind, que ficou aberto para visitação. Enquanto isso, durante uma semana os marinheiros ganharam licenças para conhecer a cidade, com direito a fazer câmbio e gastar seus rublos na vibrante vida noturna local (ok, aqui exagerei). Foi um daqueles pequenos gestos de boa-vontade que pegam bem pra todo mundo, mas a grande surpresa veio quando os russos resolveram dar um presente para os americanos:



Exato, uma cápsula Apollo. Mais precisamente um simulacro, usado para testes como transporte, resistência, aerodinâmica e outros. O simulacro em questão era o BL-1227. Havia sido perdido um ano antes em algum lugar entre os Açores e a Baía de Biscaia, quando navios ingleses treinavam para a recuperação de uma cápsula Apollo, e não foram exatamente bem-sucedidos.

Ninguém sabe como os russos colocaram as mãos no equipamento. Imagina-se que os barcos-espiões, digo, inocentes barcos de pesca que acompanhavam esse tipo de exercício tenham percebido que os ingleses perderam a cápsula, e a recolheram. Achado não é roubado.

Os americanos agradeceram e seguiram para a Nova Escócia, onde a BL-1227 foi transferida para a Marinha Real e levada para os EUA. O caso todo foi discretamente abafado, pegava mal pros russos pagarem de bonzinhos demais e era péssimo pra NASA perder uma cápsula.

Esse foi só um dos vários momentos de cooperação (quase, no caso) espacial entre os dois países. Há situações em que a solidariedade humana se sobrepõe aos mais mesquinhos discursos políticos. Como no caso da Apollo 13, quando um tanque de Oxigênio explodiu, colocando três astronautas em grave risco.

O mundo todo acompanhou roendo unhas enquanto a NASA alterava a trajetória da nave para que ela entrasse em uma trajetória livre, dando a volta por trás da Lua e retornando para a Terra.

Não havia certeza se a Apollo 13 responderia aos comandos, nem se o faria com precisão. Bem, ela o fez, amerissou no Pacífico, a 6,5Km do navio de resgate, mas se isso não acontecesse, os ingleses tinham uma frota de 6 navios no Oceano Índico. França e Itália estavam de prontidão no Mediterrâneo.

Os russos, inimigos ferrenhos em tudo mais enviaram 4 navios para o Pacífico, caso fosse preciso realizar buscas. Alexei Kosygin, Premiê soviético fez uma declaração pela Agência TASS com as seguintes palavras:

"Estamos acompanhando com preocupação o vôo da espaçonave Apollo 13 e seu acidente. Quero informar a todos que o Governo Soviético deu ordem a todos os seus cidadãos e membros das forças armadas para usar todos os meios necessários para oferecer assistência no resgate dos astronautas americanos."

Algo que não foi divulgado publicamente foi que os russos por conta própria desligaram todos os seus radares de detecção de mísseis balísticos, para que não interferissem com as comunicações entre Houston e a Apollo 13. Por dois dias a União Soviética ficou totalmente vulnerável a um ataque nuclear.

Na China foi espalhada uma ordem entre militares e a população: Se americanos usando uniformes estranhos fossem encontrados não deveriam ser feridos, nem seus pertences confiscados ou destruídos. Quem fizesse mal a um astronauta sofreria graves consequências. E a família iria pagar a bala, provavelmente.

Algo que me irrita profundamente são filmes de ficção ruins onde missões espaciais conjuntas terminam em conflito quando os países entram em guerra ou em estado de tensão. Isso simplesmente não existe. O Espaço, assim como o Oceano tem um único desejo: Matar você. Não há condição de levar lá para cima nossas disputas mesquinhas, todo mundo depende de todo mundo. São pioneiros, não pilotos de corrida.

E mesmo quando efetivamente há uma corrida, no caso a Espacial, a Ciência e a Exploração vinham na frente. No pouco tempo que Neil Armstrong e Buzz Aldrin tiveram na superfície da Lua, acharam um momento para deixar, entre outras homenagens duas medalhas celebrando os cosmonautas falecidos Yuri Gararin e Vladimir Komarov. A NASA nunca esqueceria a ajuda que os soviéticos deram para a Apollo 13, e danem-se as questões políticas. Isso ficou claro em 1971, quando a Apollo 15 pousou na Lua e deixaram em sua superfície a estatueta que abre este texto.

Ela se chama Astronauta Caído, tem 8,5cm e é criação do artista Paul Van Hoeydonck. É uma homenagem a todos que até então morreram em prol da exploração espacial. São 14 nomes. Seis deles soviéticos, incluindo a tripulação da Soyuz 11, que pereceu quando ela sofreu uma despressurização ao voltar pra Terra.

Dizem que o espaço é muito frio. Atitudes como essa provam o contrário.

Krystyna Skarbek - A verdadeira Agente Carter



Em Agosto de 1944 a guerra não ia bem para os alemães, o que significava que ia pior ainda para seus prisioneiros. Em Digne, França, três deles tinham mais ainda com que se preocupar. Francis Cammaerts, belga líder da resistência comandante de mais de 10 mil tropas, Xan Fielding, Agente de Inteligência inglês e Christian Sorense, oficial francês estavam prestes a ser executados. Não faria diferença, em dois dias os Aliados invadiriam o Sul da França e mesmo que não estivessem marcados para morrer, passariam a estar.

Para surpresa dos três eles foram libertados, graças a uma visitante muito especial.

Alguns dias antes uma mulher imponente entrou na prisão acompanhada de Albert Schenck, oficial de ligação entre o governo local e a Gestapo. Ela o havia convencido a mediar um encontro com Max Waem, belga traidor e comandante da prisão.

A tal mulher se apresentou como espiã inglesa, disse que os aliados invadiriam em alguns dias e que estava em constante contato com eles. Mostrou até peças de rádio para provar. Ela se dizia sobrinha do General Montgomery, Supremo Comandante das Forças Aliadas, e que tinha uma proposta e um aviso: Se os prisioneiros fossem feridos ou mortos os aliados não teriam piedade.

Depois de 3 horas de negociação o comandante nazista aceitou libertar os três, em troca de uma boa soma em dinheiro e cartas afirmando que ele havia colaborado com os aliados, que não deveria ser preso ou executado, etc.

O que ele não sabia é que a jovem que deixou a prisão triunfante não era inglesa, embora fosse conhecida na terra da Rainha por Christine Granville. Seu verdadeiro nome era Krystyna Skarbek, polonesa e judia, como os cartazes espalhados pela prisão explicavam, debaixo do "procura-se viva ou morta".



Krystyna Skarbek foi a espião preferida de Winston Churchill, e suas aventuras colocam a Agente Carter no chinelo.

Nascida na Polônia em 1908, filha de mãe judia e pai católico, Krystyna era o desgosto da mãe e de todas as moças bem-comportadas. Incentivada pelo pai se tornou exímia esquiadora e amazona, contrariando as normas da época ela cavalgava como homem, ao invés daquela pose sentada de ladinho como se o cavalo fosse uma privada. Em sua infância ela também aprendeu a usar facas e atirar.

Com a morte do pai a família perdeu quase todo o dinheiro, ela arrumou emprego em uma concessionária da Fiat, onde conheceu o primeiro marido, um sujeito vários anos mais velho e muitos centímetros mais baixo.

O marido achou ótimo ter fisgado uma vencedora de vários concursos de beleza, já Krystyna estava feliz pois conseguira uma fonte de renda para ajudar a mãe, mas isso não durou. Gustaw Gettlich queria uma esposa e mãe de filhos, Krystyna queria uma vida de aventura, festa, viagens, bailes e bares. Os dois se separaram amigavelmente dois anos depois.

Ela achou o companheiro definitivo na figura de Jerzy Giżyck, um sujeito de origem ucraniana de família rica que fugiu de casa aos 14 anos, foi para os Estados Unidos, trabalhou como caubói, garimpeiro, escritor e acabou virando cônsul geral da Polônia na Etiópia. Foi lá que, em 1939 Krystyna soube da invasão de sua terra natal pelos alemães. Imediatamente foram para a Inglaterra.



Lá ela ofereceu seus serviços e foi contratada como espiã e courier para o Secret Intelligence Service. Ordenada a voltar para a Polônia levando material de propaganda antinazista, ela contatou um esquiador olímpico polonês para auxiliá-la e cruzou as montanhas Tatra, na fronteira com a Checoslováquia. Foi o dia mais frio já registrado, 50 pessoas haviam morrido tentando fugir da Polônia pelas montanhas, e ela fazia o caminho inverso.

Aproveitando a ocasião Krystyna tentou convencer sua mãe a fugir da Polônia, mas ela preferiu ficar e continuar ensinando francês para seus pequenos alunos. Pouco tempo depois os nazistas chegaram, Stefania Skarbek foi capturada e morreu na prisão.

Krystyna enquanto isso usava seus dotes de poliglota, inteligência e personalidade magnética para transitar impunemente por todo o território ocupado. Uma vez ela estava levando uma pasta cheio de material secreto, que garantiriam prisão, execução e tortura, não necessariamente nessa ordem. Chegando em uma blitz inesperada, ela não pensou duas vezes.

Fez cara de cachorrinho triste, explicou pro soldado da SS a seu lado no trem que estava levando chá pra mãe, comprado no mercado negro, e que a pobre velhinha ficaria muito triste se não pudesse beber seu chazinho. Como desde o princípio dos tempos homens não resistem a um rabo de saia fazendo charminho, o galante soldado pegou para si o malote, foi ignorado pelos outros soldados e informação valiosa chegou a seu destino.

Quando os nazistas desmontaram a rede de comunicações na França Ocupada os ingleses mandaram Krystyna para reestabelecer os contatos com a Resistência Francesa. Isso era fundamental, na madrugada do Dia D os Maquis realizaram mais de 11 mil atos

de sabotagem, paralisando a máquina nazista cortando linhas de comunicações, trens, abastecimento. Sem uma forma de coordenar isso tudo, seria impossível.

Nossa espiã favorita falava francês sem sotaque, e costumava se disfarçar de camponesa. Os nazistas sempre caíam no truque. Uma vez, recém-chegada ela foi surpreendida por uma patrulha. Em suas mãos um mapa usado por soldados e espiões, impresso em seda para ser impermeável e não rasgar. As características que tornavam o mapa durável eram terríveis ali, ela não tinha como se livrar dele.

Não precisou. Ela abriu o mapa de seda, prendeu no cabelo como um lenço, passou pela patrulha, deu *Bonjour* para messiê Jerry e seguiu adiante, para desgosto das militantes do Tumblr que acharam um absurdo aquela apropriação cultural do turbante e prometeram escrever sobre isso no Facebook, assim que ele fosse inventado.

Em outra ocasião Krystyna foi detida junto com Andrzej Kowerski, seu peguete favorito. Aproveitando que estava com uma gripe das bem brabas, Krystyna mordeu a língua, começou a tossir sangue e explicou que era uma pobre camponesa com tuberculose. Na dúvida os alemães deixaram os dois ir embora.

Ela era exímia conhecedora da natureza humana. Uma vez, capturada com Andrzej e uma bolada de dinheiro cuja origem não tinham como explicar, ela foi bem direta: Disse que se os soldados prendessem os dois os oficiais iriam ficar com o dinheiro. Se eles matassem os dois e tomassem a grana, iria haver perguntas. Já se deixassem os dois livres e ficassem com o dinheiro, todos ficariam felizes.

Todos ficaram felizes.

Ela ainda estava tecnicamente casada com Jerzy Giżyck, mas passava a maior parte do tempo na Europa Ocupada, as noites eram frias e o calor, humano. Quando Jerzy percebeu que importância não implica em exclusividade, pediu as contas e foi pro Canadá. Ele e Krystina se divorciaram formalmente em 1946.

Sua especialidade era transportar informação sigilosa demais para ser transmitida por meios eletrônicos e exfiltrar pessoas na lista negra da Gestapo, como dissidentes, líderes da resistência e cientistas. Ela não era a espiã glamorosa disfarçada de madame da alta sociedade. Krystyna, formalmente uma condessa da nobreza europeia chegava nos países de paraquedas e saía como desse. Certa vez ela atravessou a fronteira no portamalas do carro do cônsul inglês na Hungria.

Seu serviço foi reconhecido durante a guerra. Na capa do relatório da missão em que resgatou os prisioneiros no corredor da morte um oficial anônimo do Special Operations Executive escreveu "boa leitura". Outro completou "Vou garantir que eu continue do lado de Christine no futuro". Um terceiro acrescentou: "Eu também. Ela me assusta mortalmente".

Krystyna, ou Christine Granville, codinome que adotou como nome real depois da Guerra chegou ao posto de Capitão. Recebeu a Medalha George, e foi sagrada Oficial da

Ordem do Império Britânico. Na França ela recebeu a Cruz de Guerra, mas assim que a Alemanha se rendeu, ela deixou de ser importante para os ingleses.

Por mais de um ano ela sequer conseguiu uma resposta em seu processo de cidadania. Corria risco de ser extraditada para a Polônia, agora sob domínio soviético. Sua recompensa foram 100 Libras Esterlinas (um mês de salário) e um pé na bunda. Ela recebeu a notícia no Cairo, sem nem ter meios para voltar para casa.

Sem mercado para suas habilidades, ela pulou de um emprego para outro, trabalhando como garçonete e mais tarde como aeromoça de navio. Em uma dessas viagens ela conheceu um verme chamado Dennis Muldowney, um camareiro que não conseguiu entender que ele era desprezível e insignificante demais para entrar na lista de peguetes de Christine.

Inconformado com o fato de ela não aceitar sua proposta de se casar e seguir a glamorosa vida de mãe de filhos de camareiro, ele começou a segui-la até que a cercou no lobby do hotel vagabundo onde ela morava. Lá o verme conseguiu o que toda a máquina de guerra nazista havia tentado inutilmente. Com uma facada no coração, ele encerrava a vida de Krystyna Skarbek. Isso foi dia 15 de junho de 1952. No dia 30 de Setembro do mesmo ano Dennis Muldowney, julgado e condenado balançava na ponta de uma corda, na forca da prisão de Pentonville.

Dennis hoje é uma nota de rodapé cuspida nos livros de História, mas Christine ainda vive. Sua memória é preservada por seus muitos amigos e amantes, que nunca esqueceram a mulher incrível que ela foi. Entre eles um escritor inglês com quem ela teve um caso durante um ano, e que ficou impressionado o bastante para colocá-la como personagem em seu primeiro livro.

A personagem, Vesper Lynd, a única mulher fora a primeira esposa a impressionar o bastante o protagonista do livro a ponto de pedi-la em casamento. O nome do protagonista?

James Bond.

A Manicure Que Ousou Voar



Bessie Coleman não teve uma infância fácil. Uma entre 12 filhos, trabalhava desde cedo colhendo algodão, e para reforçar mais ainda o estereótipo, o pai abandonou a família quando ela mal havia completado 9 anos. Mesmo assim, por insistência da mãe Bessie insistia em seus estudos, andando mais de 6Km todos os dias indo e vindo da escola.

Com 18 anos ela conseguiu entrar em uma faculdade de agronomia (segregada, claro) mas o dinheiro acabou ao final do primeiro ano e ela voltou pra casa, mas tempos depois se mudou para Chicago, morando com alguns dos irmãos e trabalhando em uma barbearia como manicure. Era 1916, e a Primeira Guerra Mundial mudou sua vida.

Bessie ficou fascinada com as histórias dos pilotos veteranos que iam cortar o cabelo e se gabar de como derrubavam chucrutes no front Francês. Aquela jovem de 23 anos decidiu que queria voar. Só que, como ela descobriria, havia um problema, na verdade vários.

Os Estados Unidos não eram a maravilhosa e moderna e acolhedora utopia pós-racista que são hoje, onde o máximo que um jovem negro tem a temer é a sociedade a polícia

e o governo. No tempo de Bessie a segregação era explícita, e nenhuma escola de aviação a aceitaria como aluna, por ser negra. Aviadores negros por sua vez se recusaram a dar aula, afinal ela era mulher.

Se hoje em dia na Internet é *Achievement*, na época acumular minorias era bem prejudicial, mas Bessie era teimosa. Pesquisando, descobriu que seu gênero e sua cor não seriam problema na França. Um dos clientes da barbearia, Robert Abbott era dono do Chicago Defender, jornal voltado para a comunidade negra. Ele incentivou Bessie e, junto com Jesse Binga, dono do primeiro banco afro-americano de Chicago bancaram os custos do projeto.

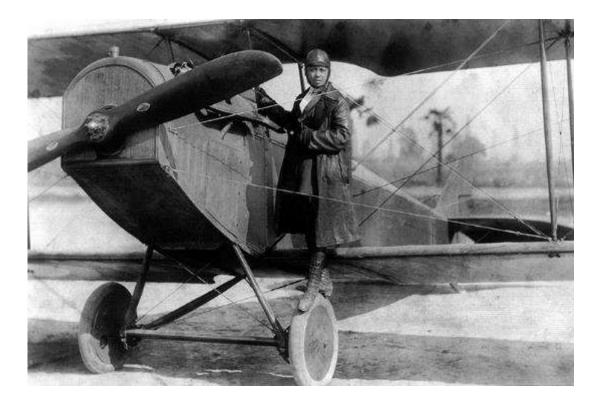
Ela se matriculou em um curso de francês, continuou a juntar dinheiro e em 1920 embarcou para a Europa. Um ano depois ela se tornava a primeira americana negra a ter uma licença internacional de piloto. Voltando aos EUA a boa e velha hipocrisia entrou em ação, e a mesma sociedade que fez de tudo para impedir que ela realizasse seu sonho agora a recebia como heroína que vencia tabus e preconceitos.

Só que aparecer em jornal não dá dinheiro, a aviação comercial ainda não existia e mulheres não voavam para os militares. O único ganha-pão de Bessie eram os shows aéreos, e ela não era experiente em acrobacias. Tudo bem, hora de voltar pra Europa, depois que os pilotos de shows locais se recusaram a ensinar os truques da profissão.

Por dois meses ela treinou com um piloto de acrobacias francês, depois foi para os Países Baixos onde conheceu ninguém menos que o legendário projetista Anthony Fokker, que ficou tão impressionado que arranjou para que Bessie fosse para a Alemanha, conhecesse a sede da Fokker. Lá ela teve aulas com um dos principais pilotos de prova da empresa.

De volta aos EUA Bessie começou sua carreira de shows aéreos, multidões se reuniam para ver Bessie levar seu biplano ao limite, e de vez em quando além dele. Em 1923 ela quebrou a perna e três costelas quando forçou demais o avião e ele perdeu sustentação.

A mídia não gostava muito dela, a chamavam de oportunista, e era verdade. Bessie estava presente sempre que fosse possível divulgar seu trabalho, no melhor estilo "posse deixar telefone de contato pra show?" mas acima de tudo Bessie tinha integridade.



Uma vez ofereceram a ela um papel em um filme, mas no dia das filmagens ela descobriu que a personagem se vestiria de farrapos, seria corcunda e repetiria o estereótipo de negra que o cinema estava acostumado. Sem pensar duas vezes ela pegou a bolsa e foi embora do set. Bessie vendia sua imagem, não sua alma.

Bessie tinha profundo conhecimento, em primeira mão do que era viver em uma sociedade racista, e sonhava em abrir uma escola de pilotagem para jovens negras, mas não teve tempo. Em 1926 ela estava testando um Curtiss JN-4 que havia comprado e não estava se comportando bem. Cheio de defeitos mesmo assim ela insistiu em fazer um vôo de observação pilotado por William Wills, seu mecânico e assessor de imprensa (uma combinação interessante).

Ela planejava fazer um salto de paraquedas no show do dia seguinte, então não estava usando cinto de segurança, para poder se inclinar e olhar em detalhes a posição de salto. Nessa hora uma chave de boca esquecida dentro do motor se prendeu na transmissão, jogando o avião em um mergulho descontrolado. Bessie foi arremessada de 600 metros de altitude, morrendo instantaneamente ao atingir o solo. Não faria diferença estar de cinto, William também morreu quando o biplano embicou em sua queda final.

Sua morte foi precoce, mas talvez isso tenha até ajudado a manter a lenda viva. William J. Powell, aviador negro pioneiro fez questão de dedicar a Bessie seu livro, Asas Negras, onde escreveu:

"Nós sobrepujamos o que era pior que barreiras raciais, sobrepujamos as barreiras dentro de nós mesmos e ousamos sonhar"

Milhares de pessoas foram a seu funeral, incluindo muitos pilotos negros. Clubes foram abertos em sua homenagem e em 1977 o Clube de Aviação Bessie Coleman foi fundado

nacionalmente por aviadoras negras. É uma organização que reúne pilotos mulheres sem qualquer restrição de raça. Todo dia 30 de Abril aviadores, homens e mulheres, negros e brancos voam em formação sobre o Cemitério Lincoln, em Chicago e jogam flores em seu túmulo.

Bessie deixou mais que um legado, deixou um exemplo. Sua influência venceu o teste do tempo.

Em 1992 o ônibus espacial Endeavor decolava tendo em sua tripulação uma cientista chamada Mae Carol Jemison, a primeira astronauta negra da história. Em seu bolso ela levava uma foto de Bessie Coleman.



A Bala

Esta é uma de minhas raras aventuras em ficção. Fez bastante sucesso quando publiquei no Contraditorium. A estava guardando para coletânea de contos mas fiquei com vontade de mais uma vez compartilhar, então da mesma forma que as meninas *cool*, decidi não esperar.



O repórter veterano já tinha visto coisas de outro mundo, mas ainda se espantava como todo dia aprendia algo novo, cobrindo as ações dos soldados do 2º Batalhão, 327º Regimento de Infantaria da 1ª Brigada de Combate do Exército dos EUA no Afeganistão.

Ele via gente que se achava invulnerável descobrir da pior forma a própria mortalidade. Sacrifícios e gestos de coragem o maravilhavam.

"Minha definição de herói nunca mais será a mesma" – pensou ele.

No alto de uma colina na passagem de Nawa, província Kunar. O Sargento Curtis Smith provia proteção enquanto o resto da patrulha comia suas rações. Como sempre o jornalista se afastou para comer sozinho. Curtis pensou em ir conversar com ele, a tristeza do homem era evidente, mas todas as tentativas de conversa haviam sido rechaçadas educadamente.

Ajeitando seu capacete o jornalista teve uma sorte que poucos homens vivos compartilham: Com o canto do olho percebeu um clarão em uma montanha vizinha. Ele sabia que só poderia significar uma coisa.

Na pequena caverna, quase um recesso, o guerrilheiro talibã murmurava "allah Akbar" enquanto observava a patrulha americana. Amaldiçoando sua burrice, ele só lembrou

do treinamento depois de atirar: Nunca em uma região de sombra, ou o clarão do disparo irá denunciar sua posição.

Dessa vez Allah havia sorrido para ele, e nenhum dos invasores havia percebido o tiro, embora o soldado grande, desarmado e afastado dos outros parecesse olhar direto para sua posição. "Tudo bem", pensou Hamad. "Tudo acabará em uns dois segundos.

Não era preciso nem sequer um binóculo ou visão privilegiada para deduzir que o tiro era de um rifle M82 Barrett, provavelmente roubado de uma outra patrulha. Era uma das poucas armas que conseguiriam atingir um alvo a 1600 metros. "Ponto para meu treinamento", pensou o jornalista.

"O mais engraçado é o silêncio" murmurou baixinho para não alertar os outros. Minha audição é considerada impressionante mesmo entre meus colegas de trabalho, que não são nada ordinários, mas não posso violar as Leis da Física. A bala está vindo em minha direção a 853 metros por segundo, a velocidade do Som não passa muito de 300.

Ele calculou que o tiro chegaria em menos de dois segundos. O talibã teria tentado um tiro na cabeça ou um mais seguro no peito? O resultado em um humano normal é devastador de qualquer forma. A monstruosa bala .50 sozinha tinha 52 gramas de peso. Havia sido criada para destruir veículos, atravessando um bloco de motor como se fosse manteiga. Os mais sortudos atingidos por balas assim perderam apenas membros.

Mesmo assim ele não se importou. Preferiu imaginar na paz que aquela bala traria, em como finalmente ele teria o abençoado esquecimento, sem precisar mais pensar... nela.

"Você acha que vai salvar o mundo" – ela o acusou, corretamente.

"É o meu trabalho, o seu também" – racionalizou o jornalista. Ela teria que entender, quantas vezes ela não se arriscara por uma matéria, não sofrera ameaças, não cancelara jantares e encontros?

"É diferente, querido. Eu tento levar uma vida normal, mesmo priorizando meu trabalho. Eu saio para tomar café e ir ao shopping com minhas amigas. Qual foi a última vez que você fez isso? Vocês só se encontram para trabalhar, falar de trabalho e planejar trabalho. Qualquer hora do dia ou da noite você sai voando ao menor sinal de problema. Eu já comprei todas as joias vagabundas dos programas da madrugada, droga"

A frustração era imensa. Ela não entendia. A vontade era de socar uma montanha.

"Meu amor, nós já discutimos isso tantas vezes, não me peça para escolher entre você e o mundo"

"Você já escolheu." Ela disse, com voz baixa, quase inaudível. "Eu te amo, você me tira do chão, mas não posso ser sua última prioridade. Seja feliz."

A menos de 800 metros de distância a bala seguia uma trajetória perfeita. O vento era praticamente inexistente, a óptica do Barrett excelente e as tabelas de tiro convertidas para farsi mais que corretas. Seria lindo ver a cabeça do ianque explodir em uma nuvem rosada, falou Hamad, permitindo-se um sorriso.

Mesmo sendo tarde demais, ele tentou seguir o conselho dela, foi buscar apoio entre os amigos, apenas para descobrir que todos estavam tão mal quanto ele. Um só fingia ser popular e mulherengo, quando na verdade passava as noites trabalhando. Outra era um exemplo clássico de mulher linda que não entendia nada de homens. Todos obcecados, diziam que a melhor forma de esquecer era trabalhar mais ainda.

Ele bem que tentou, mas cada rua, cada esquina, cada estrela e planeta no céu o lembravam dela. Poderia fugir para o fim do Universo, e as lembranças continuariam. Lembranças do que foram, do que poderiam ter sido, lembranças da sensação de impotência quando ela foi embora.

Ele pensou em pedir para que ela voltasse, oferecer diamantes, viagens, a Lua, mas ela saberia que são coisas sem significado. Ela queria atenção e dedicação, e ele se envergonhava de ser tão fiel às lições de seus dois pais, o natural e o adotivo, que o ensinaram responsabilidade para com o bem comum. Faltava-lhe coragem para desistir do Mundo por uma mulher que valia mais que o Mundo.

As raias do Barrett ajudavam a estabilizar a bala, girando agora em sua trajetória final. As compensações feitas, incluindo dados como a rotação da Terra e temperatura fariam com que o projétil, apontado para 3 metros acima e à esquerda da cabeça do alvo o atingisse em cheio.

As últimas notícias da redação eram que ela estava em uma viagem na França, cobrindo um encontro da União Europeia. Por pouco ele não voou para Paris apenas para tentar vê-la de longe. Foi sorte, no mesmo dia ela mudou seu status no Facebook "em um relacionamento".

Ela havia começado a namorar um diplomata belga.

Seu lado mais negro imaginou cenas bárbaras, arrancando os membros do tal belga, esmigalhando seu crânio, em um frenesi de raiva e ciúmes, mas ele era melhor que isso. O que só tornava as coisas piores. Não podia descontar sua frustração em ninguém, seria injusto e covardia.

"Eu só queria que isso acabasse" suspirou, soluçando.

O mais cruel é que qualquer outro na mesma situação veria a bala como um gesto misericordioso, pondo fim a uma situação sem saída, mas mesmo em seus piores momentos ele no fundo era um escoteiro. Sabia que morrer não era solução e aquela bala não resolveria seus problemas, mesmo que o atingisse.

Movendo a mão com uma velocidade sobre-humana Kal-El, Clark Kent, o último filho de Krypton segurou a bala a alguns centímetros do capacete, ao mesmo tempo em que explodia o rifle com sua visão de calor.

Vendo que o jovem talibã não havia se ferido, ele esperou sinceramente que com isso ele repensasse sua vida e abandonasse a guerrilha.

"Seja feliz" disse Clark, sabendo que no fundo isso era uma mentira.